

Presidente da CRB nacional visita a sede geral das Filhas do Sagrado Coração de Jesus

Por Neusa Santos



Na noite desta quinta-feira, a presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB Nacional), Irmã Maria do Desterro, esteve na Casa Geral da Congregação das Filhas do Sagrado Coração de Jesus (FSCJ), em Roma. A congregação foi fundada por Santa Teresa Verzeri e Monsenhor Giuseppe Benaglio em 8 de fevereiro de 1831, na cidade de Bérghamo, na Itália, com o propósito de revelar o amor do Coração de Jesus a todos os povos.

A presidente foi recebida pela Irmã Beatrice Dal Santo, Superiora Geral da Congregação, e por um grupo de irmãs de diversas nacionalidades, que expressaram alegria e gratidão pelo encontro. O momento foi marcado por fraternidade, partilha e a renovação de laços de amizade.

A visita teve também um caráter afetivo e de reencontro. Durante o período em que cursava o mestrado em Roma, Irmã Maria do Desterro viveu na comunidade das Filhas do Sagrado Coração de Jesus. Essa convivência deixou lembranças profundas e vínculos de amizade, que agora foram reavivados neste encontro cheio de emoção e ternura.



A presença da presidente da CRB Nacional na sede da Congregação reforça os laços de comunhão e colaboração entre os diferentes institutos religiosos, testemunhando a vitalidade da vida consagrada e a universalidade da missão de servir com o coração de Jesus.



Fonte: CRB

Missa na praça São Pedro com Vida Consagrada celebra Jubileu com o Papa em Roma *Por Neusa Santos*



Religiosas, religiosos, consagradas e consagrados de todo o mundo reuniram-se em Roma, neste tempo jubilar, para celebrar com profunda alegria e comunhão o Jubileu dos Consagrados. Representando a diversidade de carismas e expressões da vida consagrada na Igreja, os participantes tomaram parte na Santa Missa presidida pelo Papa Leão XIV, na Basílica de São Pedro, unindo-se em ação de graças pelo dom da vocação e pelo testemunho de tantos homens e mulheres que consagram suas vidas ao Evangelho.

Durante a homilia, o Santo Padre Leão XIV dirigiu palavras de encorajamento e esperança aos consagrados, recordando que a vocação é, antes de tudo, um dom gratuito de Deus:

“O Senhor nos chamou primeiro e, com amor, nos precedeu. A vocação é resposta de gratidão a esse amor, vivida no serviço, na comunhão e na alegria de quem se entrega inteiramente a Deus e aos irmãos.”

O Papa convidou todos os consagrados a viverem uma relação cada vez mais profunda com Cristo e fraterna entre si:

“Sede mais cordiais na relação com Cristo e no contato direto com vossos irmãos. Então conhecereis a verdadeira alegria que nasce da ação do Espírito Santo, Aquele que introduz os corações nos mistérios de Deus. Não procureis estar entre aqueles a quem esses mistérios permanecem ocultos, porque confiam apenas em si mesmos. Felizes, ao contrário, os pobres, os humildes, os famintos de verdade, os misericordiosos e os puros de coração: são eles, graças aos quais o mundo conhecerá a paz divina.”

Em sua mensagem, o Papa Leão XIV destacou também a importância de redescobrir a beleza da vida comunitária e missionária, lembrando que a verdadeira consagração não se mede pelas obras ou resultados, mas pela capacidade de amar gratuitamente, com um coração livre e aberto.

“A graça de Deus não se impõe, mas transforma; não divide, mas unifica. É o Espírito quem renova em nós a alegria de pertencer a Cristo e de servir o seu povo com generosidade e esperança”, afirmou o Papa.

A celebração foi marcada por momentos de intensa oração, cânticos em diversas línguas e um profundo clima de comunhão entre os consagrados presentes em Roma. Entre eles, estavam diversos consagrados e consagradas de todo o mundo, bem como um grande número de religiosos e religiosas do Brasil.

Destacou-se de modo especial a presença da vida religiosa consagrada brasileira, representada por duas ex-presidentas da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB Nacional) e pela presidenta atual, Irmã Maria do Disterro Rocha, que participou da celebração em comunhão com representantes de diferentes carismas e congregações.



O Jubileu dos Consagrados foi também uma ocasião para recordar os fundadores e fundadoras de tantas comunidades religiosas que, movidos pelo Espírito, deram origem a um grande movimento de amor e serviço no coração da Igreja.

Ao final da celebração, os participantes renovaram suas promessas de fidelidade, reafirmando o desejo de viver a consagração como sinal de esperança, fraternidade e profecia no mundo de hoje.



Fonte: CRB

Dom Jaime Spengler vê na exortação “Dilexi te” um chamado à responsabilidade comum diante da pobreza

Com o título “*Dilexi te*” (“Eu te amei”), o Papa Leão XIV publicou nesta quinta-feira, 9 de outubro, sua primeira exortação apostólica. O texto, com 121 pontos, apresenta uma forte mensagem de continuidade com o magistério social da Igreja e com o legado do Papa Francisco, reafirmando que não há verdadeira fé sem compromisso concreto com os pobres.

A exortação, cuja elaboração foi iniciada ainda por Francisco, é centrada no amor de Cristo que se manifesta no cuidado com os mais vulneráveis: doentes, migrantes, mulheres vítimas de violência, crianças sem acesso à educação e trabalhadores explorados. “No rosto ferido dos pobres encontramos o sofrimento dos inocentes e o próprio sofrimento de Cristo”, escreve Leão XIV.



Para Dom Jaime Cardeal Spengler, arcebispo de Porto Alegre e presidente da CNBB e do CELAM, a mensagem do Papa Leão XIV toca o coração dos desafios contemporâneos. “A pobreza, em suas múltiplas facetas, é talvez o maior desafio do nosso tempo, quando milhões vivem em condições desumanas e muitos morrem de cansaço, depressão ou fome”, afirmou o cardeal. Ele ressalta que reconhecer e acolher os feridos e privados de sua dignidade e liberdade é um imperativo ético, que convoca toda a sociedade à responsabilidade comum.

Continuidade com os Papas anteriores

O Papa Leão XIV insere seu documento na linha dos grandes textos sociais da Igreja dos últimos 150 anos — de João XXIII a Francisco —, recordando a *Populorum Progressio*, de Paulo VI, a *Caritas in Veritate*, de Bento XVI, e a opção preferencial pelos pobres defendida por João Paulo II.

Seguindo o espírito franciscano, o pontífice retoma o apelo por uma Igreja “pobre e para os pobres”, convidando os fiéis a reconhecerem que “a falta de equidade é a raiz de todos os males sociais”.

Uma denúncia contra a economia que mata

Em diversos trechos, Leão XIV denuncia com vigor o que chama de “ditadura de uma economia que mata”, marcada pela concentração de riqueza e pela indiferença global diante da fome e da miséria.

“Os ganhos de poucos crescem exponencialmente, enquanto a maioria vê o bem-estar cada vez mais distante”, afirma o texto, que critica a ilusão de que o mercado, por si só, possa resolver as desigualdades.

O Papa rejeita também a “pastoral das elites”, que se preocupa mais com os poderosos do que com os necessitados. Para ele, servir aos pobres não é um gesto de caridade paternalista, mas um encontro entre iguais, que revela o verdadeiro rosto da Igreja.

Migrantes: “em cada rejeitado, Cristo bate à porta”

A exortação dedica um espaço especial às migrações. Leão XIV recorda o drama de milhões de pessoas forçadas a deixar suas terras, evocando a imagem do pequeno Alan Kurdi, menino sírio que se tornou símbolo da crise migratória em 2015.

“A Igreja, como mãe, caminha com os que caminham. Onde o mundo vê ameaça, ela vê filhos; onde se erguem muros, ela constrói pontes”, escreve o Papa, reforçando os quatro verbos de Francisco: acolher, proteger, promover e integrar.

Mulheres, educação e novas formas de pobreza

O pontífice destaca a situação das mulheres vítimas de exclusão e violência, “duplamente pobres”, e denuncia o drama da desnutrição que ainda mata milhares de pessoas todos os dias.

A educação, por sua vez, é apresentada como um direito e não um favor, essencial para romper ciclos de miséria.

Leão XIV também alerta para novas formas de pobreza “mais sutis e perigosas”, como a marginalização cultural e espiritual, e pede uma mudança de mentalidade que liberte da “ilusão de uma felicidade baseada apenas no sucesso e no consumo”.

Os pobres: mestres do Evangelho

Inspirado em Francisco de Assis, Madre Teresa e outros santos que dedicaram suas vidas aos necessitados, o Papa convida a Igreja a redescobrir o coração da fé cristã: “Há um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres”, escreve.

Segundo o texto, os pobres não são um problema social, mas o centro da Igreja, parte da própria família cristã. “Devemos nos deixar evangelizar por eles”, exorta o pontífice.

Uma voz que denuncia e desperta

Encerrando a exortação, Leão XIV conclama todo o Povo de Deus a não se calar diante da injustiça: “As estruturas de opressão devem ser destruídas com a força do bem, pela mudança de mentalidades e pela ação transformadora da sociedade.”

O Papa pede que os cristãos “façam ouvir uma voz que denuncie”, mesmo correndo o risco de parecer ingênuos aos olhos do mundo.

“A esmola é justiça restabelecida, não paternalismo. E será sempre melhor fazer alguma coisa do que nada”, escreve o Pontífice.

Com “*Dilexi te*”, Leão XIV reafirma o compromisso da Igreja com os pobres como parte essencial da fé cristã, e lança um forte chamado à conversão pessoal e social, em tempos de desigualdades crescentes e indiferença global.

Fonte: Arquidiocese de Porto Alegre

“Dilexi te”, Leão XIV: não se pode separar a fé do amor pelos pobres

Publicada a primeira exortação apostólica de Robert Prevost, um trabalho iniciado por Francisco sobre o tema do serviço aos pobres, em cujo rosto encontramos “o sofrimento dos inocentes”. O Papa denuncia a economia que mata, a falta de equidade, a violência contra as mulheres, a desnutrição, a emergência educacional. Ele faz seu o apelo de Bergoglio pelos migrantes e pede aos fiéis que façam ouvir “uma voz que denuncie”, porque “as estruturas da injustiça devem ser destruídas com a força do bem”

Salvatore Cernuzio – Vatican News



“Dilexi te”, Leão XIV: não se pode separar a fé do amor pelos pobres

Dilexi te, “Eu te amei”. O amor de Cristo que se encarna no amor aos pobres, entendido como cuidado dos doentes; luta contra a escravidão; defesa das mulheres que sofrem exclusão e violência; direito à educação; acompanhamento aos migrantes; esmola que “é justiça restabelecida, não um gesto de paternalismo”; equidade, cuja falta é “a raiz de todos os males sociais”. Leão XIV assina sua primeira exortação apostólica, *Dilexi te*, texto em 121 pontos que brota do Evangelho do Filho de Deus que se tornou pobre desde sua entrada no mundo e que relança o Magistério da Igreja sobre os pobres nos últimos cento e cinquenta anos. “Uma verdadeira mina de ensinamentos”.

Seguindo os passos dos seus antecessores

Com este documento assinado a 4 de outubro, festa de São Francisco de Assis, o Pontífice agostiniano segue assim os passos dos seus antecessores: João XXIII com o apelo aos países ricos na *Mater et Magistra* para que não permaneçam indiferentes perante os países oprimidos pela fome e pela miséria (83); Paulo VI, com a *Populorum progressio* e o discurso na ONU “como advogado dos povos pobres”; João Paulo II, que consolidou doutrinariamente “a relação preferencial da Igreja com os

pobres”; Bento XIV e a *Caritas in Veritate*, com sua leitura “mais marcadamente política” das crises do terceiro milênio. Por fim, Francisco, que fez do cuidado “pelos pobres” e “com os pobres” um dos pilares do seu pontificado.

Um trabalho iniciado por Francisco e relançado por Leão

Foi o próprio Francisco que, nos meses que antecederam sua morte, iniciou o trabalho sobre a exortação apostólica. Assim como aconteceu com a *Lumen Fidei*, de Bento XVI, recolhida em 2013 por Jorge Mario Bergoglio, também desta vez é o sucessor que completa a obra, que representa uma continuação da *Dilexit Nos*, a última encíclica do Papa argentino sobre o Coração de Jesus. Porque é forte a “ligação” entre o amor de Deus e o amor pelos pobres: através deles, Deus “ainda tem algo a nos dizer”, afirma o Papa Leão. E ele retoma o tema da “opção preferencial” pelos pobres, expressão nascida na América Latina (16) não para indicar “um exclusivismo ou uma discriminação em relação a outros grupos”, mas “a ação de Deus” que se move por compaixão pela fraqueza da humanidade.

No rosto ferido dos pobres encontramos impresso o sofrimento dos inocentes e, portanto, o próprio sofrimento de Cristo (9)



Se Pedro nos lembra que os pobres são o coração do Evangelho

A exortação de Leão XIV: um texto que propõe os fundamentos da Revelação cristã e da tradição da Igreja

Os “rostos” da pobreza

São numerosos os pontos para reflexão, numerosas as motivações para a ação na exortação de Robert Francis Prevost, na qual são analisados os “rostos” da pobreza. A pobreza daqueles que “não têm meios de subsistência material”, de “quem é marginalizado socialmente e não possui instrumentos para dar voz à sua dignidade e suas capacidades”; a pobreza “moral”, “espiritual”, “cultural”; a pobreza “de quem não tem direitos, nem lugar, nem liberdade” (9).

Novas formas de pobreza e falta de equidade

Diante desse cenário, o Papa considera “insuficiente” o compromisso de eliminar as causas estruturais da pobreza em sociedades marcadas por “numerosas desigualdades”, pelo surgimento de novas formas de pobreza “mais sutis e perigosas” (10) e por regras econômicas que aumentaram a riqueza, “mas sem equidade”.

A falta de equidade é a raiz dos males sociais (94)

A ditadura de uma economia que mata

“Quando dizem que o mundo moderno reduziu a pobreza, fazem-no medindo-a com critérios doutros tempos não comparáveis à realidade atual”, afirma Leão XIV (13). Deste ponto de vista, ele saúda “com satisfação” o fato de que “as Nações Unidas tenham colocado a erradicação da pobreza como um dos objetivos do Milênio”. No entanto, o caminho é longo, especialmente numa época em que continua a vigorar a “ditadura de uma economia que mata”, em que os ganhos de poucos “crescem exponencialmente”, enquanto os da maioria estão “cada vez mais longe do bem-estar daquela minoria feliz” e em que se difundem “ideologias que defendem a autonomia absoluta dos mercados e a especulação financeira” (92).

Cultura do descarte, liberdade de mercado, pastoral das elites

Tudo isso é sinal de que ainda persiste – “por vezes bem disfarçada” – uma cultura do descarte que “tolera com indiferença que milhões de pessoas morram de fome ou sobrevivam em condições indignas do ser humano” (11). O Papa condena então os “critérios pseudocientíficos” segundo os quais

será “a liberdade do mercado” a levar à “solução” do problema da pobreza, bem como a “pastoral das chamadas elites”, segundo a qual “em vez de perder tempo com os pobres, é melhor cuidar dos ricos, dos poderosos e dos profissionais” (114).

Realmente, os direitos humanos não são iguais para todos (94)

Mudar a mentalidade

O que o Papa invoca é, portanto, uma “mudança de mentalidade”, libertando-se antes de tudo da “ilusão de uma felicidade que deriva de uma vida confortável”. Isso leva muitas pessoas a uma visão da existência centrada na riqueza e no sucesso “a todo custo”, mesmo em detrimento dos outros e por meio de “sistemas político-econômicos injustos” (11).

A dignidade de cada pessoa humana deve ser respeitada já agora, não só amanhã (92)

Em cada migrante rejeitado está Cristo batendo à porta

Leão XIV dedica um amplo espaço ao tema das migrações. Para ilustrar suas palavras, ele usa a imagem do pequeno Alan Kurdi, o menino sírio de 3 anos que se tornou, em 2015, símbolo da crise europeia dos migrantes com a foto de seu corpinho sem vida em uma praia. “Infelizmente, à parte de alguma momentânea comoção, acontecimentos semelhantes estão a tornar-se cada vez mais irrelevantes, como notícias secundárias” (11), constata o Pontífice.

Ao mesmo tempo, ele lembra a obra secular da Igreja em favor daqueles que são forçados a abandonar suas terras, expressa em centros de acolhimento, missões de fronteira, esforços da Caritas Internacional e outras instituições (75).

A Igreja, como mãe, caminha com os que caminham. Onde o mundo vê ameaça, ela vê filhos; onde se erguem muros, ela constrói pontes. Pois sabe que o Evangelho só é crível quando se traduz em gestos de proximidade e de acolhimento; e que em cada migrante rejeitado, é o próprio Cristo que bate às portas da comunidade (75)

Ainda sobre o tema das migrações, Robert Prevost faz seus os famosos “quatro verbos” do Papa Francisco: “Acolher, proteger, promover e integrar”. E do Papa Francisco ele também toma emprestada a definição dos pobres não apenas como objeto de nossa compaixão, mas como “mestres do Evangelho”.

Servir aos pobres não é um gesto a ser feito “de cima para baixo”, mas um encontro entre iguais... A Igreja, portanto, quando se curva para cuidar dos pobres, assume sua postura mais elevada (79)

Mulheres vítimas de violência e exclusão

O Sucessor de Pedro olha então para a atualidade marcada por milhares de pessoas que morrem todos os dias “por causas relacionadas com a desnutrição” (12). “Duplamente pobres”, acrescenta, são “as mulheres que padecem situações de exclusão, maus-tratos e violência, porque frequentemente têm menos possibilidades de defender os seus direitos” (12).

“Os pobres não existem por acaso...”

O Papa Leão XIV traça uma reflexão profunda sobre as causas da pobreza: “Os pobres não existem por acaso ou por um cego e amargo destino. Muito menos a pobreza é uma escolha, para a maioria deles. No entanto, ainda há quem ouse afirmá-lo, demonstrando cegueira e crueldade”, sublinha (14). “Obviamente, entre os pobres há também aqueles que não querem trabalhar”, mas há também muitos homens e mulheres que, por exemplo, recolhem papelão de manhã à noite apenas para “sobreviver” e nunca para “melhorar” a vida. Em suma, lê-se em um dos pontos centrais da *Dilexi te*, não se pode dizer “que a maioria dos pobres estão nessa situação porque não obtiveram méritos, de acordo com a falsa visão da meritocracia, segundo a qual parece que só têm méritos aqueles que tiveram sucesso na vida” (14).

Ideologias e orientações políticas

Em muitas ocasiões, observa o Papa Leão, são os próprios cristãos que se deixam “contagiar por atitudes marcadas por ideologias mundanas ou por orientações políticas e econômicas que levam a injustas generalizações e conclusões enganosas” (15).

Há quem continue a dizer: “O nosso dever é rezar e ensinar a verdadeira doutrina”. Mas, desvinculando este aspecto religioso da promoção integral, acrescentam que só o Governo deveria cuidar deles, ou que seria melhor deixá-los na miséria, ensinando-lhes antes a trabalhar (114)

A esmola frequentemente desprezada

Sintoma dessa mentalidade é o fato de que o exercício da caridade às vezes é “desprezado ou ridicularizado, como se fosse uma fixação somente de alguns e não o núcleo incandescente da missão eclesial” (15). O Papa detém-se longamente na esmola, raramente praticada e frequentemente desprezada (115).

Como cristãos, não renunciemos à esmola. Um gesto que pode ser feito de várias maneiras, e podemos tentar fazer da forma mais eficaz, mas que deve ser feito. E será sempre melhor fazer alguma coisa do que não fazer nada. Em todo o caso, tocar-nos-á o coração. Não será a solução para a pobreza no mundo, que deve ser procurada com inteligência, tenacidade e compromisso social. Mas precisamos praticar a esmola para tocar a carne sofredora dos pobres (119)

Indiferença por parte dos cristãos

Na mesma linha, o Papa destaca “a falta ou mesmo a ausência de compromisso” com a defesa e a promoção dos mais desfavorecidos em alguns grupos cristãos (112). Se uma comunidade da Igreja não coopera para a inclusão de todos, adverte ele, “correrá também o risco da sua dissolução, mesmo que fale de temas sociais ou critique os Governos. Facilmente acabará submersa pelo mundanismo espiritual, dissimulado em práticas religiosas, reuniões infecundas ou discursos vazios” (113).

Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres (36)

O testemunho dos santos, beatos e ordens religiosas

Para contrabalançar essa atitude de indiferença, há um mundo de santos, beatos e missionários que, ao longo dos séculos, encarnaram a imagem de “uma Igreja pobre e para os pobres” (35). De Francisco de Assis e seu gesto de abraçar um leproso (7) a Madre Teresa, ícone universal da caridade dedicada aos moribundos da Índia “com uma ternura que era oração” (77). E ainda São Lourenço, São Justino, Santo Ambrósio, São João Crisóstomo, seu Santo Agostinho, que afirmava:

“Aquele que diz amar a Deus e não se compadece dos necessitados, mente” (45).

Leão ainda lembra o trabalho dos Camilianos pelos doentes (49), das congregações femininas em hospitais e casas de repouso (51). Ele lembra o acolhimento nos mosteiros beneditinos a viúvas, crianças abandonadas, peregrinos e mendigos (55). E lembra também os franciscanos, dominicanos, carmelitas e agostinianos que iniciaram “uma revolução evangélica” através de um “estilo de vida simples e pobre” (63), juntamente com os trinitários e mercedários que, lutando pela libertação dos prisioneiros, expressaram o amor de “um Deus que liberta não só da escravidão espiritual, mas também da opressão concreta” (60).

A tradição destas Ordens não cessou. Pelo contrário, inspirou novas formas de ação diante das escravidões modernas: o tráfico de pessoas, o trabalho forçado, a exploração sexual, as diversas formas de dependência. A caridade cristã, quando encarnada, torna-se libertadora (61)

O direito à educação

O Pontífice recorda também o exemplo de São José de Calasanz, que fundou a primeira escola popular gratuita da Europa (69), para salientar a importância da educação dos pobres: “Não é um favor, mas um dever”.

Os pequenos têm direito à sabedoria, como exigência básica do reconhecimento da dignidade humana (72)

A luta dos movimentos populares

Na exortação, o Papa também menciona a luta contra os “efeitos destrutivos do império do dinheiro” por parte dos movimentos populares, conduzidos por líderes “colocados muitas vezes sob suspeita e até perseguidos” (80). Eles, escreve, “convidam a superar aquela ideia das políticas sociais concebidas como uma política para os pobres, mas nunca com os pobres, nunca dos pobres” (81).

Uma voz que desperte e denuncie

Nas últimas páginas do documento, Leão XIV apela a todo o Povo de Deus para “fazer ouvir, ainda que de maneiras diferentes, uma voz que desperte, denuncie e se exponha mesmo correndo o risco de parecer estúpidos”.

As estruturas de injustiça devem ser reconhecidas e destruídas com a força do bem, através da mudança de mentalidades e também, com a ajuda da ciência e da técnica, através do desenvolvimento de políticas eficazes na transformação da sociedade (97)

Os pobres, não um problema social, mas o centro da Igreja

É necessário que “todos nos deixemos evangelizar pelos pobres”, exorta o Papa (102). “O cristão não pode considerar os pobres apenas como um problema social: eles são uma *questão familiar*.”

Pertencem *aos nossos*”. Portanto, “a relação com eles não pode ser reduzida a uma atividade ou departamento da Igreja” (104).

Os pobres ocupam um lugar central na Igreja (111)

Fonte: Vatican News

Se Pedro nos lembra que os pobres são o coração do Evangelho

A exortação de Leão XIV: um texto que propõe os fundamentos da Revelação cristã e da tradição da Igreja

Andrea Tornielli



O Papa e os pobres com quem compartilhou o almoço em Castel Gandolfo EDITORIAL

Dilexi te, a primeira exortação apostólica de Leão XIV, desde o título se relaciona com a última encíclica do Papa Francisco, *Dilexit nos* (outubro de 2024) e representa, de certa forma, a sua continuação. Não se trata de um texto de Doutrina Social da Igreja, não entra na análise de problemas específicos. Propõe, antes, os fundamentos da Revelação, destacando a forte ligação que existe entre o amor de Cristo e o seu apelo a aproximarmos-nos dos pobres. A centralidade do amor aos pobres está, de fato, no coração do próprio Evangelho e, portanto, não pode ser reduzida a uma “fixação” de alguns Pontífices ou de determinadas correntes teológicas, nem pode ser apresentada como uma consequência social e humanitária extrínseca à fé cristã e ao seu anúncio.

“O afeto pelo Senhor une-se ao afeto pelos pobres”, escreve Leão. São, portanto, inseparáveis: “Tudo o que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes”, diz Jesus. Portanto, aqui “não estamos no horizonte da beneficência, mas da Revelação: o contato com aqueles que não têm poder e grandeza é uma forma fundamental de encontro com o Senhor da história”.

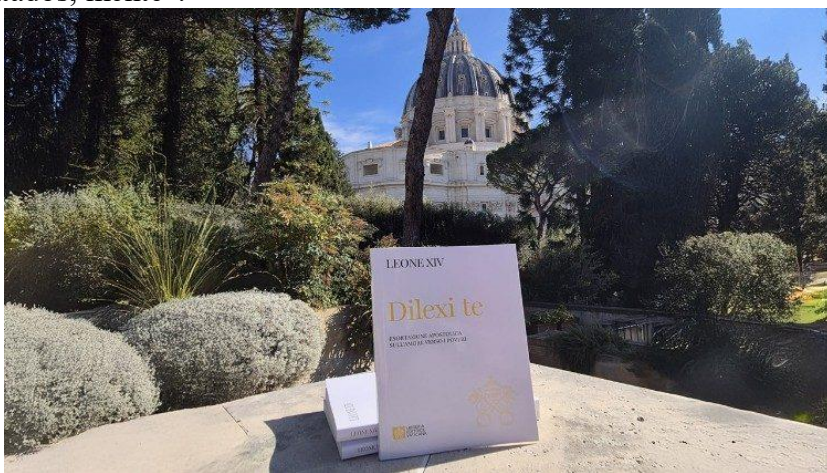


“Dilexi te”, Leão XIV: não se pode separar a fé do amor pelos pobres

Publicada a primeira exortação apostólica de Robert Prevost, um trabalho iniciado por Francisco sobre o tema do serviço aos pobres, em cujo rosto encontramos “o sofrimento dos ...

O Papa observa que, infelizmente, também os cristãos correm o risco de serem “contagiados” por atitudes mundanas, ideologias e visões político-econômicas enganosas. O incômodo com que às vezes se fala do compromisso com os pobres, quase como se fosse uma distração em relação ao amor e ao culto a Deus, revela o quanto o documento é atual: “O fato de o exercício da caridade ser desprezado ou ridicularizado, como se fosse uma fixação somente de alguns e não o núcleo incandescente da missão eclesial, faz-me pensar – afirma Leão XIV – que é preciso ler novamente o Evangelho, para não se correr o risco de o substituir pela mentalidade mundana”.

Através das citações bíblicas e dos comentários dos Padres da Igreja, somos assim lembrados de que o amor aos pobres não é um “caminho opcional”, mas representa “o critério do verdadeiro culto”. Iluminadoras, também para o hoje da Igreja, são, por exemplo, as palavras de São João Crisóstomo e de Santo Agostinho: o primeiro convida a honrar Jesus no corpo do pobre, perguntando-se que sentido tem ter os altares cheios de cálices de ouro enquanto Cristo está exausto de fome à porta da igreja; o segundo define o pobre como “a presença sacramental do Senhor”, vendo no cuidado aos pobres uma prova concreta da sinceridade da fé: “Aquele que diz amar a Deus e não se compadece dos necessitados, mente”.



A capa da “Dilexi te”, a primeira exortação apostólica do Papa Leão XIV

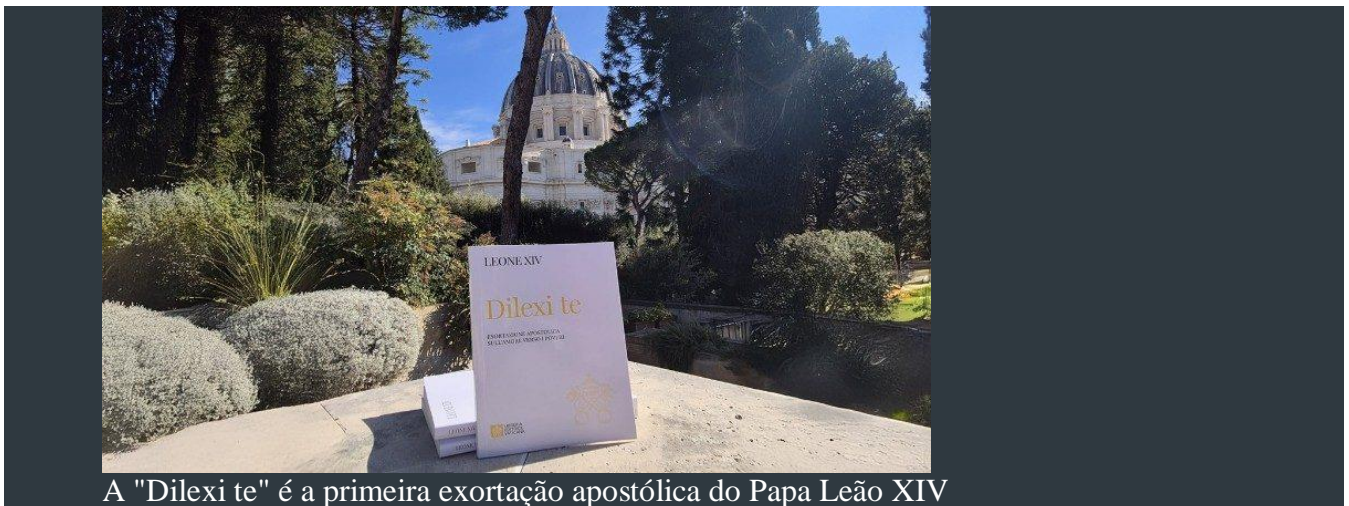
Em virtude dessa ligação com o essencial da mensagem cristã, na parte final de *Dilexi te* há um apelo dirigido a todos os batizados para que se comprometam concretamente com a defesa e a promoção dos mais fracos: “É tarefa de todos os membros do Povo de Deus fazer ouvir uma voz que desperte, denuncie e se exponha”. Mesmo correndo o risco de parecer “estúpidos”. Uma mensagem repleta de consequências para a vida eclesial e social: o atual sistema econômico-financeiro e suas “estruturas de pecado” não são inevitáveis e, portanto, é possível se empenhar em pensar e construir, com a força do bem, uma sociedade diferente e mais justa, através da “mudança de mentalidades e também, com a ajuda da ciência e da técnica, através do desenvolvimento de políticas eficazes na transformação da sociedade”.

A exortação foi inicialmente preparada por Francisco. A fazer dela sua é o sucessor Leão XIV, que como religioso e depois bispo missionário compartilhou grande parte de sua vida com os mais pobres, deixando-se evangelizar por eles. Fonte: Vatican News

“A Dilexi te, um ícone do magistério da Igreja”

A coletiva de imprensa para apresentar a exortação apostólica do Papa Leão XIV com os cardeais Czerny e Krajewski, juntamente com o franciscano Fr. Frédéric-Marie e a pequena irmã de Jesus Clémence

Benedetta Capelli e Salvatore Cernuzio – Vatican News



A "Dilexi te" é a primeira exortação apostólica do Papa Leão XIV

“Tratar os pobres com dignidade é o primeiro ato de paz”. Esta é uma das passagens centrais da intervenção do cardeal Michael Czerny, prefeito do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, na abertura da coletiva de apresentação na Sala de Imprensa da Santa Sé da exortação apostólica de Leão XIV, *Dilexi te*. O purpurado definiu o documento como “um ícone do magistério da Igreja”, destacando seus pontos-chave e lembrando o papel da Igreja em sua tarefa de curar as feridas “físicas, sociais ou espirituais”.

A pobreza, um tema “teológico”

A pobreza “é um tema teológico” porque através dos pobres se ouve a voz de Deus e no serviço aos pobres se abate todas as barreiras, disse o purpurado. Olhando para a atualidade, onde o valor humano é medido “em termos de produtividade, consumo e lucro”, ele falou de uma mentalidade dominante que descarta os fracos e que “merece o rótulo de pecado social”. “A justiça nasce da inclusão”, destacou Czerny. Ele indicou três diretrizes para a promoção do desenvolvimento integral: a Eucaristia que alimenta a comunidade; a educação que liberta as pessoas da pobreza espiritual; o serviço que é amor social. São caminhos que a Igreja oferece ao mundo para promover “uma civilização em que cada pessoa seja reconhecida como imagem de Deus”. Porque dessa consciência nasce a paz, acrescentou Czerny: “Não haverá paz enquanto os pobres e o planeta forem negligenciados e maltratados”.

O compromisso da Esmolaria Apostólica

A partir da metáfora dos pobres como imagem de Cristo, desenvolveu-se também a reflexão do cardeal Konrad Krajewski, prefeito do Dicastério para o Serviço da Caridade, que recordou os últimos 13 anos como esmoleiro, por vontade do Papa Francisco, que sempre lhe recomendou “fazer mais ações do que palavras”. *Dilexi te*, disse o cardeal, é um “timbre” do que a Esmolaria Apostólica faz todos os dias, “o pronto-socorro do Papa Leão”. O documento papal, destacou o purpurado, mostra o compromisso da Igreja ao longo dos séculos com as pessoas em dificuldade. E hoje esse compromisso exige uma ação imediata. Como a de Jesus, que “saía cedo, procurava as pessoas, aqueles que precisavam dele. Ele os curava no mesmo dia, não mandava outros”.

Krajewski recordou o período da pandemia da Covid-19, que em alguns bairros de Roma levou as pessoas à fome. Pessoas sem cartão de saúde que não podiam ter acesso à vacinação. “Vacinamos 6 mil delas na Sala Paulo VI”, disse o prefeito do Dicastério para a Caridade. Ele também lembrou das quase mil pessoas por dia, entre migrantes e refugiados, na Estação Tiburtina, vindas de Lampedusa. “Elas não precisavam de sanduíches, mas de cartões telefônicos para avisar seus parentes”. Depois, a guerra, que alterou as intervenções: Krajewski elogiou a generosidade dos italianos que enviaram cerca de 250 caminhões da Basílica de Santa Sofia para a Ucrânia com alimentos, vestuário com isolamento térmico e geradores elétricos. O purpurado também quis compartilhar a lembrança pessoal de quando o Papa Francisco ouviu seu desabafo. “Eu estava cansado, contei a ele o que acontecia sob a colunata: 200 pessoas por dia tomando banho, 6 mil por mês; o ambulatório com cerca de 100 médicos e 2 mil pessoas por mês que usufruíam dos serviços; medicamentos gratuitos para distribuir. Francisco me respondeu que eu estava totalmente equivocado: “Ao vestir os pobres, você veste Cristo; ao cortar o cabelo deles, você corta o cabelo de Cristo que vem sob a colunata”. Para mim, foi uma ducha fria”.

Os pobres, atores e não apenas objetos de compaixão

Nessa linha, Frédéric-Marie Le Méhauté, provincial dos Frades Menores da França/Bélgica, destacou a necessidade de se comprometer “com os pobres, de doar aos pobres, sobretudo através da esmola”. É preciso ver os mais vulneráveis como “atores” e não apenas “objetos de nossa compaixão ou de nossas políticas”, disse o franciscano, reiterando o convite do Papa a uma mudança de mentalidade: “Cada pessoa necessitada deveria poder ouvir estas palavras: ‘Eu te amei’”.

Ao lado das mulheres ciganas

Comovente foi o testemunho da pequena irmã de Jesus, irmã Clémence, que partiu da experiência dos anos vividos ao lado de Lari, Pana, Ancuza, Luminiza e outras mulheres ciganas em um terreno abandonado no sul da Itália. Irmã Clémence compartilhou a emoção pelo cuidado demonstrado por essas mulheres, apesar da dificuldade em ganhar a vida. Elas são o exemplo daquelas pessoas “materialmente pobres, mas ricas em humanidade”. Muitas não estudaram, mas possuem “aquela sabedoria que se forma através da precariedade que incentiva a partilha e a solidariedade”, disse a consagrada. E o Papa, acrescentou, “nos convida a reconhecer a misteriosa sabedoria que Deus quer nos comunicar através delas”, aquela solidariedade que muitas vezes esquecemos “porque preocupados em preservar nossas riquezas”. A pequena irmã de Jesus, carisma nascido da experiência entre os pobres de Charles de Foucauld, falou de “uma verdadeira virada na vida pessoal quando percebemos que são justamente os pobres que nos evangelizam”. Ela lembrou, nesse sentido, junho de 2014, quando um incêndio involuntário queimou metade das barracas do campo. “O pouco que nós e nossas famílias tínhamos foi destruído em poucos minutos”; não havia mais teto, alojamento, roupas, espaço para cozinhar. Tudo para recomeçar. “No entanto, naquele dia, não ouvi nenhuma lamentação dos vizinhos, mas apenas uma litania de louvores: ‘Graças a Deus estamos vivos, amanhã recomeçaremos com a ajuda de Deus’. Foi através deles que descobri a capacidade de colocar o essencial no centro, o abandono confiante à providência”, afirmou a irmã Clémence. “Nisso, eles foram e continuam a ser meus mestres espirituais”.

“100% de Francisco, 100% de Leão”

Amplo espaço foi dedicado às perguntas dos jornalistas, muitas das quais visavam compreender a “percentagem” da contribuição de Francisco e de Leão para a redação da exortação apostólica. “Não é importante dizer quem escreveu o quê”, disse Czerny. “Este é o magistério da Igreja. É 100% de Francisco, 100% de Leão”. E sobre a diversidade de perspectivas de Leão XIV e de seu predecessor ao abordar o tema da pobreza – uma abordagem mais teológica para o primeiro, mais sociopolítica para o outro –, o cardeal afirmou: “O Papa Leão torna explícitas coisas que talvez o Papa Francisco não tenha explicitado, e poderíamos dizer o contrário. A riqueza e a beleza de *Dilexi te* são acompanhadas pela riqueza e beleza das coisas ditas pelo Papa Francisco. Não podemos colocar tudo numa balança”.

As estruturas de pecado

O cardeal jesuíta aprofundou ainda mais o conceito de “estrutura de pecado” recorrente na *Dilexi te*. O exemplo é o do tráfico de drogas, “sustentado por um número infinito de escolhas pessoais”, cada uma das quais “um pecado em si” que “se solidificam em algo terrível que se infiltra na economia, nos governos, até mesmo na mídia...”. “Corrupção, criminalidade, maldade”, tudo isso tem “um peso enorme” e é “capaz de controlar os Estados”, afirmou o cardeal: “É algo que deve ser levado muito a sério”.

Um documento para todos

O cardeal também convidou a não limitar o alcance de um documento como *Dilexi te* a indicações dirigidas apenas a uma parte específica do mundo e da Igreja. Uma resposta à pergunta de uma jornalista estadunidense que perguntou se a exortação era uma mensagem aos EUA, onde estão em curso ações das forças da ordem contra a imigração irregular. “É como o Evangelho: ninguém pode dizer que era dedicado à Inglaterra ou à Bolívia... O que peço é que não pensem que estes ensinamentos se destinam a um povo em particular. Somos católicos, somos inclusivos”. “Há muitos aspectos da vida do mundo que não estão bem”, continuou o chefe do Dicastério. Se temos a possibilidade de dizer algo, “quem tem ouvidos para ouvir, ouça”, como diz o Evangelho. Isso não significa atirar pedras em alguém, mas convidar todos a assumirem a responsabilidade por suas escolhas”. Da mesma forma, o cardeal Czerny, questionado sobre as acusações contra Francisco de comunismo ou marxismo e o risco de que isso aconteça também com Leão, foi direto: “Os rótulos são os mesmos do Evangelho contra Jesus: eles definem mais as pessoas que os fazem. O problema não é dos Papas, mas de quem ataca”.

Fonte: Vatican News

Papa aos consagrados: espalhar o "oxigênio" do amor; os modismos paralisam a alma

No Jubileu da Vida Consagrada, o Papa adverte para uma vida feita de momentos fugazes, de relações superficiais e intermitentes, de modas passageiras: "coisas que deixam um vazio no coração". Para ser verdadeiramente feliz, afirmou Leão XIV, o ser humano precisa de experiências de amor consistentes, duradouras e sólidas. E os consagrados "podem espalhar pelo mundo o oxigênio desta forma de amar".

Bianca Fraccalvieri - Vatican News

Milhares de consagrados se reuniram na Praça São Pedro para viver seu Jubileu com o Papa Leão XIV. Religiosos e religiosas, monges e contemplativas, membros de institutos seculares e do *Ordo virginum*, eremitas e membros de novos institutos de várias partes do mundo participaram da missa celebrada na manhã desta quinta-feira, 9 de outubro.

Viver os votos é abandonar-se nos braços do Pai

Em sua homilia, o Pontífice se inspirou nas palavras contidas no Evangelho de Lucas: "Pedi e ser-vos-á dado; procurai e achareis; batei e abrir-se-vos-á" (*Lc 11, 9*). Com estas palavras, Jesus convida a nos dirigir com confiança ao Pai, sejam quais forem as nossas necessidades, "porque viver os votos é abandonar-se como crianças nos braços do Pai".

Pedir, procurar e bater, comentou o Papa, são verbos familiares aos consagrados, habituados a pedir sem exigir, praticando os conselhos evangélicos. Com efeito, "Pedir" é reconhecer, na pobreza, que tudo é dom do Senhor e de tudo se deve dar graças; "procurar" é abrir-se, na obediência, à descoberta quotidiana da via a seguir no caminho da santidade, segundo os desígnios de Deus; "bater" é pedir e oferecer aos irmãos, com coração casto, os dons recebidos, esforçando-se por amar a todos com respeito e gratuidade.

Pedir, procurar e bater, acrescentou, significam também olhar para trás, para a própria existência, trazendo à mente e ao coração o que o Senhor realizou, ao longo dos anos, para multiplicar os talentos, para aumentar e purificar a fé, para tornar mais generosa e livre a caridade.



Papa beija o altar durante a missa para o Jubileu da Vida Consagrada (@Vatican Media)

Os consagrados devem espalhar o "oxigênio" do amor

Papa Leão refletiu então sobre Deus como plenitude e sentido da vida consagrada: para eles, o Senhor é tudo. "Sem Ele nada existe, nada tem sentido, nada tem valor." Deste modo, a Igreja confia aos consagrados a tarefa de ser, com o despojamento de tudo, testemunhas vivas da primazia de Deus na própria existência, ajudando do melhor modo possível também os irmãos e irmãs a cultivar esta mesma amizade.

Todavia, observou o Papa comentando a primeira leitura, como no tempo do profeta Malaquias há quem diga: "De que vale servir a Deus?" (*Ml 3, 14*).

"É um modo de pensar que conduz a uma autêntica paralisia da alma, contentando-se com uma vida feita de momentos fugazes, de relações superficiais e intermitentes, de modas passageiras: tudo coisas que deixam no coração um vazio. Para ser verdadeiramente feliz, o ser humano não precisa disso, mas de experiências de amor consistentes, duradouras, sólidas, e vocês, com o exemplo da própria vida consagrada, podem espalhar pelo mundo o oxigênio desta forma de amar."



Milhares de consagrados participaram da cerimônia (@Vatican Media)

Por fim, o Santo Padre se deteve na dimensão escatológica da vida cristã. Enquanto estão empenhados no mundo, devem estar ao mesmo tempo constantemente orientados para a eternidade. É um convite a alargar o "pedir, o procurar e o bater" da oração e da vida ao horizonte eterno, que transcende as realidades deste mundo, orientando-as para o domingo que não tem ocaso. Trata-se da missão confiada aos consagrados pelo Concílio Vaticano II de ser testemunhas dos "bens futuros".

Papa Leão concluiu citando São Paulo VI: "Conservem a simplicidade dos 'mais pequeninos' do Evangelho. Esforcem-se por encontrá-la numa relação interior e o mais cordial possível com Cristo, ou nos contatos diretos com os seus irmãos. Conhecerão então 'o alvoroço da alegria, pela ação do Espírito Santo'".

Fonte: Vatican News

Papa: jornalismo não é crime, a informação livre sustenta a sociedade

Leão XIV recebeu nesta quinta-feira (9/10), os participantes da 39ª Conferência da Associação MINDS International. Em seu discurso, destacou a responsabilidade ética dos meios de comunicação, a defesa da verdade e o papel essencial das agências de notícias na promoção de uma informação livre e confiável.

Thulio Fonseca - Vatican News

Na manhã desta quinta-feira, 9 de outubro, no Palácio Apostólico, o Papa Leão XIV recebeu os participantes da 39ª Conferência da Associação MINDS International, rede global que reúne as principais agências de notícias do mundo, dedicada à inovação e ao desenvolvimento digital da comunicação. Em seu discurso, o Pontífice destacou o papel essencial dos meios de comunicação "na formação das consciências e do pensamento crítico", pedindo discernimento e responsabilidade diante dos desafios da era digital.

O Papa iniciou saudando os presentes e reconhecendo o paradoxo de uma época marcada pela abundância de meios de comunicação, mas também por uma crise profunda na confiança e na qualidade da informação. "Na era da comunicação, as agências de informação atravessam um período de crise — e os próprios consumidores se encontram em crise, confundindo frequentemente o falso com o verdadeiro, o autêntico com o que é artificial", afirmou. Ainda assim, encorajou os profissionais "em seu serviço tão importante" e nas iniciativas de diálogo e reflexão conjunta que fortalecem o setor.

A informação como bem público

Segundo o Papa, a informação deve ser reconhecida como um bem público. "O que é verdadeiramente construtivo é a aliança entre cidadãos e jornalistas sob o signo do compromisso com a responsabilidade ética e civil", disse, sublinhando que a confiança entre público e imprensa cria "um círculo virtuoso que beneficia o corpo social". O Santo Padre recordou também o testemunho corajoso de jornalistas que arriscam a própria vida para levar a verdade ao mundo:

"A informação é um bem público que todos devemos proteger. [...] Todos os dias há repórteres que se arriscam pessoalmente para que as pessoas possam saber como as coisas realmente são. E, em tempos como os nossos, de conflitos violentos e disseminados, são muitos os que caem em campo: vítimas da guerra e da ideologia da guerra, que pretende impedir os jornalistas de estar presentes.

Não devemos esquecê-los! Se hoje sabemos o que aconteceu em Gaza, na Ucrânia e em tantas outras terras ensanguentadas por bombas, devemos isso, em grande parte, a eles.”

Ao recordar seu primeiro encontro com jornalistas, logo após o Conclave, quando fez um apelo pela libertação dos jornalistas injustamente perseguidos e presos por tentarem contar a verdade, reafirmou esse pedido, e exortou: “Ser jornalista nunca pode ser considerado um crime, mas sim um direito a ser protegido”.

Comunicação livre e responsabilidade ética

Em referência ao Papa Francisco, Leão XIV lembrou a necessidade de proteger a comunicação da degradação e da manipulação digital. “Precisamos de empresários corajosos, de engenheiros informáticos corajosos, para que a beleza da comunicação não seja corrompida” Em seguida advertiu contra a “poluição cognitiva” e a lógica do clickbait, pedindo que as agências conciliem sustentabilidade econômica com “o direito a uma informação correta e plural”.

O Pontífice também elogiou o papel das agências de notícias, que muitas vezes são as primeiras a divulgar os fatos, especialmente em tempos de crise. “O serviço de vocês é precioso e deve ser um antídoto contra a proliferação da chamada ‘informação-lixo’; portanto, exige competência, coragem e senso ético”.

Inteligência artificial e o futuro da comunicação

Sobre os avanços tecnológicos e a inteligência artificial, “onde a verdade já não possa ser distinguida da ficção”, o Papa fez um alerta:

“Os algoritmos geram conteúdos e dados em uma dimensão e com uma velocidade jamais vistas. Mas quem os governa? A inteligência artificial está mudando a forma como nos informamos e comunicamos — mas quem a dirige, e com quais objetivos? Devemos estar atentos para que a tecnologia não substitua o ser humano, e para que a informação e os algoritmos que hoje a regem não fiquem nas mãos de poucos.”



Papa Leão XIV durante a audiência com os jornalistas (@Vatican Media)

A defesa da liberdade e da objetividade

Ao concluir seu discurso, o Papa destacou que o mundo precisa de uma informação “livre, rigorosa e objetiva”. Citando Hannah Arendt, lembrou que “o súdito ideal do regime totalitário não é o nazista convicto nem o comunista convicto, mas a pessoa para quem já não há diferença entre realidade e ficção”.

“Com o trabalho de vocês — paciente e rigoroso — podem ser uma barreira contra aqueles que, por meio da antiga arte da mentira, buscam criar divisões para governar separando”, afirmou. E concluiu com um apelo: “Peço-lhes: nunca vendam a preço vil a sua autoridade moral! Que o Espírito de Deus, que é verdade e força, os sustente e os acompanhe sempre”. Fonte: Vatican News

Leão XIV: migrantes, uma nova força vital para as paróquias que os acolhem

Em mensagem enviada à rede Catholic Charities dos Estados Unidos, que reúne 168 agências diocesanas, o Papa pede apoio contínuo aos migrantes e refugiados, agindo como "construtores de pontes entre nações, culturas e povos".

Benedetta Capelli – Vatican News



Migrantes na fronteira EUA-México

Agir no "estilo" de Deus feito de proximidade, compaixão e ternura, ajudando quem chega aos Estados Unidos em busca de uma nova oportunidade e continuar sendo "construtores de pontes entre nações, culturas e povos". Este é o cerne da mensagem do Papa Leão XIV, datada de 4 de outubro, enviada por ocasião do 115º encontro anual da rede Catholic Charities USA, realizado em San Juan, Porto Rico, com a presença de cerca de 600 pessoas. A rede, que no ano passado ajudou mais de 15 milhões de pessoas necessitadas, foi fundada em 1910 e inclui 168 agências independentes comprometidas em fornecer "alimentação, abrigo, assistência médica, assistência jurídica e muitos outros gestos de gentileza", escreve o Pontífice.

O estilo de Deus

O Papa recorda que o encontro se realiza no contexto do Jubileu da Esperança, que o Papa Francisco, na Bula de Proclamação do Ano Santo, define como "desejo e expectativa do bem, mesmo sem saber o que o amanhã reserva". Leão XIV exorta as instituições da Catholic Charities a se tornarem "agentes de esperança" para os milhões de pessoas que recorrem à Igreja nos Estados Unidos em busca de assistência. Dentre essas pessoas, encontram-se os mais vulneráveis, migrantes e refugiados, que "não podem contar com os próprios recursos e dependem de Deus e da bondade dos outros. De muitas maneiras", enfatiza o Papa, "o seu ministério concretiza a providência do Senhor para eles". Essa abordagem, o próprio Papa Francisco definiu como o "estilo" de Deus, feito de proximidade, compaixão e ternura.

Missionários da esperança

Além de suas necessidades concretas, o Papa se detém na riqueza que os migrantes levam como "testemunhas de esperança", pois demonstram não apenas confiança em Deus, mas também "resiliência, tendo que superar muitos obstáculos durante sua viagem". "Em particular", acrescenta o Pontífice, "os migrantes e refugiados católicos se tornaram missionários da esperança em muitas nações", levando como legado "uma fé viva e devoções populares que muitas vezes revigoram as paróquias que os acolhem".

Construtores de pontes

A ajuda oferecida torna-se a força motriz para sermos "construtores de pontes entre nações, culturas e povos". "Encorajo-os a continuar ajudando as comunidades que acolhem estes irmãos e irmãs recém-chegados a serem testemunhas vivas da esperança, reconhecendo a sua dignidade humana intrínseca e convidando-os a participar plenamente na vida da comunidade", conclui o Papa Leão, abençoando todos aqueles que trabalham neste campo.

Fonte: Vatican News

Leão XIV aos líderes sindicais de Chicago: respeitar a dignidade dos vulneráveis

Leão XIV recebeu uma delegação de líderes sindicais de sua cidade natal, representando milhares de trabalhadores. Eles estavam acompanhados pelo cardeal Cupich. O Papa os parabenizou pelos progressos alcançados na participação e inclusão das minorias e pediu o acolhimento de imigrantes e refugiados, especialmente por meio do apoio a bancos de alimentos e abrigos.

Vatican News



O Papa durante a audiência à delegação de líderes sindicais de Chicago (@Vatican Media O "acolhimento de imigrantes e refugiados, e o apoio aos bancos de alimentos e abrigos", são uma das prioridades que o Papa Leão XIV recomendou aos líderes sindicais de sua cidade natal, Chicago, que estão atualmente em Roma para as celebrações do Ano Jubilar, acompanhados pelo cardeal Blase Cupich. À delegação que representa milhares de trabalhadores da cidade, o Papa disse: "Embora reconheça que políticas adequadas são necessárias para garantir a segurança das comunidades, encorajo-os a continuar trabalhando a fim de que a sociedade respeite a dignidade humana dos mais vulneráveis."

Colaboração com a Igreja e inclusão das minorias

Em seguida, o Pontífice exortou a trabalhar pelo "bem comum" e pela "criação de uma sociedade na qual todos possam prosperar". "Este é um trabalho importante, e eu os elogio a todos pela contribuição nesse sentido", afirmou. Em seguida, manifestou gratidão pela colaboração do movimento com a Igreja, incluindo o apoio aos seminaristas, organizando, junto com representantes da sociedade civil e do setor empresarial, o banquete anual do Prêmio Rerum Novarum.

"É encorajador", afirmou ainda Leão XIV, "saber dos progressos alcançados na ampliação da participação e inclusão das minorias no movimento sindical por meio do aprendizado e da formação". Ao mesmo tempo, o Papa definiu como "louvável" o compromisso com a proteção do meio ambiente "através do ensino das competências necessárias para o desenvolvimento de energias renováveis". Louvável e, acima de tudo, "oportuno", dada "a urgência de cuidar da nossa Casa comum".

Acolhimento de migrantes e refugiados

O Papa fez o apelo para acolher imigrantes e refugiados, colocando em prática o apelo do seu "amado predecessor, o Papa Francisco, que exortava todo sindicato a renascer todos os dias nas periferias".

"Nesta semana de peregrinação, além de passar pelas Portas Santas e participar de outros exercícios espirituais, vocês também estão dedicando tempo ao estudo de questões importantes relacionadas aos direitos e deveres dos trabalhadores", disse o Pontífice na conclusão de seu discurso, garantindo suas orações "para que este tempo seja profícuo para suas mentes e corações".

Fonte: Vatican News

Papa visita Dicastério para o Desenvolvimento Humano Integral: avante na missão

No mesmo dia da publicação de sua exortação apostólica *Dilexi te*, o Papa Leão XIV visitou o Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, localizado no Palácio São Calisto, em Trastevere. O Pontífice expressou gratidão pelo trabalho realizado e encorajou os membros a continuarem sua missão de servir à dignidade humana.

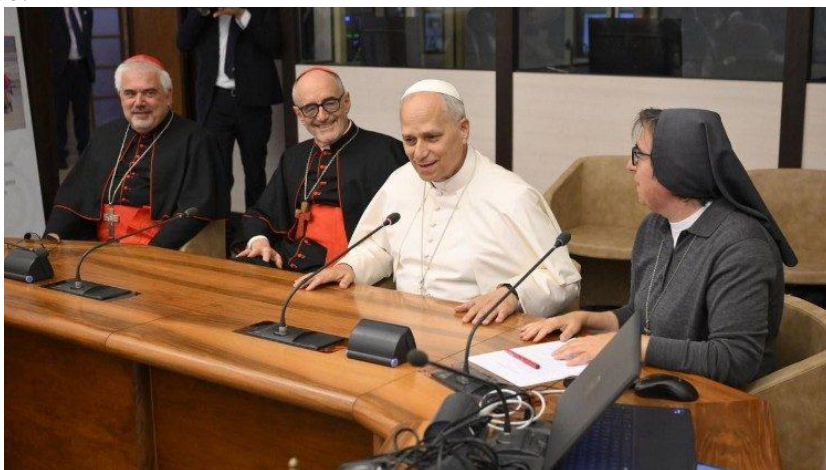
Salvatore Cernuzio – Cidade do Vaticano

"Por ocasião desta visita ao Dicastério, no mesmo dia da publicação da Dilexi te, agradeço a todos vocês que fazem do seu trabalho uma verdadeira expressão da missão da Igreja."



O Papa na sede do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral

Com essas palavras, registradas no Livro de Honra, o Papa Leão XIV expressou seu reconhecimento à “família” do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, que visitou na tarde de hoje, por volta das 15h30 locais, no coração do bairro romano de Trastevere. A visita encerrou um dia intenso, iniciado com três audiências, seguido da Missa para os participantes do Jubileu da Vida Consagrada e da publicação de sua primeira exortação apostólica. O cardeal Michael Czerny, prefeito do Dicastério, havia apresentado o documento pela manhã na Sala de Imprensa da Santa Sé.



O Papa no Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral

Perguntas e saudações

Durante o encontro com membros e funcionários, alguns também conectados on-line, na Sala Vãn Thuận, o Papa recordou sua exortação *Dilexi te*. O momento, descrito como “simples e profundo”, incluiu perguntas espontâneas do pessoal, muitas delas sobre os apelos à missão e ao serviço aos pobres.

“Obrigado pelo seu trabalho, obrigado pelo seu empenho”, disse o Papa ao grupo que leva a ação da Santa Sé ao mundo em diversos campos: migrações, economia, ecologia, saúde, educação e segurança.



“Dilexi te”, Leão XIV: não se pode separar a fé do amor pelos pobres

Publicada a primeira exortação apostólica de Robert Prevost, um trabalho iniciado por Francisco sobre o tema do serviço aos pobres, em cujo rosto encontramos “o sofrimento dos ...

Durante cerca de duas horas na sede do Dicastério, Leão XIV teve também um encontro privado com o cardeal Czerny, com a irmã Alessandra Smerilli e os dois subsecretários, o cardeal Fabio Baggio e monsenhor Anthony Ekpo. Recebeu presentes, conversou brevemente com vários funcionários e abençoou uma funcionária mexicana que lhe mostrou a foto de seus pais falecidos.

“A Árvore da Dignidade Humana”

Um dos momentos principais da visita foi a bênção da escultura “A Árvore da Dignidade Humana”, inaugurada em julho. A obra simboliza a continuidade entre o passado e o presente do Dicastério, instituído por Papa Francisco em janeiro de 2017 após a fusão dos Conselhos Pontifícios Cor Unum, Justiça e Paz, Migrantes e Itinerantes e Operadores de Saúde. O Dicastério herdou deles as respectivas áreas de atuação e a missão de promover a dignidade humana de todos, especialmente dos mais frágeis e marginalizados.



*A obra de arte “A Árvore da Dignidade” abençoada pelo Papa
Saudação ao povo*

O Papa chegou a Trastevere no início da tarde. Seu carro, acompanhado pela Gendarmaria e pela Inspetoria Vaticana, despertou a atenção de moradores, turistas e passantes nas proximidades da Basílica de Santa Maria em Trastevere. Entre os primeiros a se aproximar estavam alunos da escola de italiano da Comunidade de Santo Egídio, composta por imigrantes e refugiados, muitos deles do Peru — país onde Robert Francis Prevost, agora Papa Leão XIV, foi missionário por mais de vinte anos.



“A Dilexi te, um ícone do magistério da Igreja”

A coletiva de imprensa para apresentar a exortação apostólica do Papa Leão XIV com os cardeais Czerny e Krajewski, juntamente com o franciscano Fr. Frédéric-Marie e a pequena irmã ...

Por volta das 18 horas locais, o Pontífice deixou o local, acenando do carro para a multidão reunida na praça, que o saudava com aplausos e gritos de “Viva o Papa!”.

Esta foi a segunda visita de Leão XIV a um Dicastério. A primeira ocorreu em 20 de maio, menos de duas semanas após sua eleição, quando visitou o Dicastério para os Bispos, do qual havia sido prefeito.

Fonte: Vatican News

Cultura da Vida: o dia do nascituro

Cultura da Vida é um espaço de aprofundamento de temas relacionados à dignidade da vida humana e à missão da família como guardião da vida com Marlon Derosa e sua esposa Ana Carolina Derosa, professores de pós-graduação em Bioética e fundadores do Instituto e Editora Pius com sede em Joinville, Santa Catarina. Marlon e Ana são casados há 8 anos, têm 3 filhos, são atuantes na Pastoral Familiar. Neste décimo encontro, o dia do nascituro.

Vatican News

Olá, amigos da Rádio Vaticano! Aqui é Marlon e Ana Derosa.

Hoje, vamos falar sobre o Dia do Nascituro, dia 8 de outubro, data criada pela CNBB para promover em nosso país e nas nossas dioceses, a cultura da vida. Mas o que significa a palavra “nascituro”? Nascituro vem do latim “nasciturus”, que significa literalmente “aquele que há de nascer”. O direito considera o nascituro como um ser humano já concebido, mas ainda não nascido. A lei brasileira reconhece ao nascituro direitos fundamentais, como o direito à vida.

O nascituro, considerando seu significado filosófico e antropológico, é a pessoa em desenvolvimento, dotada de dignidade humana intrínseca. Não é uma “vida em potencial”, mas uma vida humana já iniciada, em seus primeiros estágios de desenvolvimento. A cada fase do desenvolvimento intrauterino, o nascituro revela sua individualidade própria e irrepitível. O ponto 2270 do Catecismo da Igreja Católica diz que “A vida humana deve ser respeitada e protegida, de modo absoluto, a partir do momento da concepção”.

Desde o primeiro momento da sua existência, devem ser reconhecidos a todo o ser humano os direitos da pessoa, entre os quais o direito inviolável de todo o ser inocente à vida.” Mas o nascituro é, de fato, um ser humano, uma vida humana? A ciência nos comprova que sim, e nos ajuda a entender isso. A embriologia nos mostra claramente que, quando óvulo e espermatozoide se unem, essa união dá origem a um novo organismo vivo, dotado de um código genético próprio e irrepitível. A partir da fecundação, essa nova pessoa, que já tem seu próprio DNA, começa a se desenvolver de forma autônoma. Após a concepção, nas primeiras oito semanas de desenvolvimento, temos a chamada fase embrionária. Nessa fase chamamos essa criança de embrião.

Depois, inicia-se a fase fetal, por isso, é chamado de feto. Assim é o desenvolvimento humano. Depois ele será chamado bebê ou criança, depois vamos chamar adolescente, adulto, e por fim, idoso. Cada fase pode ter seu nome específico, mas em todas essas fases é um ser humano. Em toda a sua

vida, é uma pessoa que deve ser protegida, acolhida e amada. Hoje em dia, na chamada cultura do descarte, existe uma tendência perigosa em querer desumanizar o embrião ou o feto. A cultura do descarte insiste em colocar condições ou critérios para dizer se devemos ou não proteger o direito à vida. E a posição da Igreja será sempre a de defender a vida e acolher quem sofre ou está vulnerável. Isso inclui a proteção e o cuidado integral das pessoas em todas as suas fases.

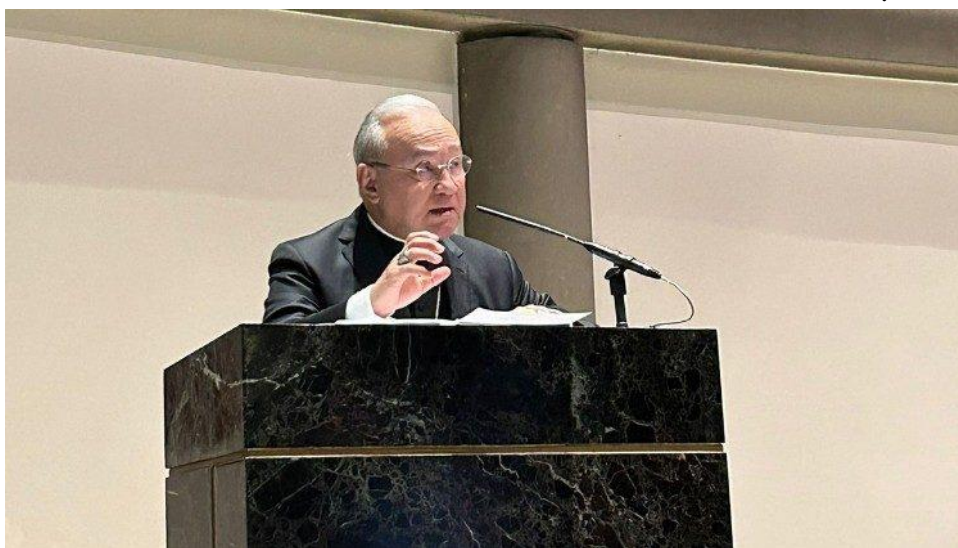
Certa vez o Papa Francisco falou que a questão do aborto “não é um problema religioso: nós não somos contra o aborto devido à religião. Não. É um problema humano” (Coletiva de imprensa no voo de regresso de Dublin, 26 de agosto de 2018). Dizia ainda o Papa: “Pegai em qualquer livro sobre embriologia, daqueles que estudam os alunos nas Faculdades de Medicina e vede”. (...) “É uma vida humana... ponto final! E esta vida humana deve ser respeitada”. Que neste dia do nascituro todos nós, enquanto Igreja, possamos refletir sobre quais ações podemos aprimorar em valorização da vida humana. Há muitas formas de trabalhar em prol da cultura da vida. Isso pode envolver ações de reflexão, oração e divulgação sobre o valor da vida desde a concepção. Mas também deve se estender às ações práticas em prol da proteção da vida.

Falamos aqui de auxiliar gestantes... ir ao encontro de mulheres e famílias fragilizadas, apoiar as casas pró-vida, seja com o nosso trabalho voluntário, seja com doações de enxovais ou apoio financeiro mesmo. Existem muitas casas e projetos já estruturados, que se dedicam a acolher gestantes em crise, para ajudá-las desde o pré-natal até anos após o nascimento da criança. Ações desse tipo levam dignidade a essas mulheres e são determinantes para salvar a vida dessas crianças. Dedicar-se a apoiar e fomentar iniciativas assim é fundamental para sermos essa igreja em saída que vai ao encontro de quem mais precisa. É colocar o Evangelho da vida na prática em meio a nossa sociedade.

Este foi mais um Cultura da Vida.

Um abraço e até a próxima!

Fonte: Vatican News



O arcebispo dom Edgar Peña Parra, substituto para os Assuntos gerais da Secretaria de Estado.

Peña Parra: a Igreja deve ser sinodal para enfrentar os desafios do terceiro milênio

Em seu discurso no evento bienal “Lynwood Lecture” em Londres, o substituto para Assuntos gerais da Secretaria de Estado analisa os desafios que permanecem na implementação dos temas emergentes da última Assembleia dos Bispos. Em particular, a aplicação do princípio da subsidiariedade e a busca de um equilíbrio entre uma abordagem hierárquica dentro da Igreja e um sistema caótico que ameaça sua unidade e missão.

Edoardo Giribaldi – Vatican News

Sinodalidade e subsidiariedade: dois conceitos que, à primeira vista, podem parecer “em tensão” entre si, mas que, no âmbito eclesial, encontram, ao contrário, uma profunda “relação”. A sinodalidade representa o *modus operandi* do Povo de Deus, baseado na participação plena e compartilhada, no discernimento comunitário e nas decisões tomadas de forma descentralizada, respeitando a autonomia das várias vozes sem comprometer a unidade. Um princípio, portanto, que se entrelaça naturalmente com a subsidiariedade. Estes são alguns dos temas abordados pelo arcebispo

dom Edgar Peña Parra, substituto para os Assuntos gerais da Secretaria de Estado, em seu discurso neste dia 8 de outubro, no evento bienal “*Lynwood Lecture*”, organizado alternadamente pela Sociedade de Direito Canônico da Grã-Bretanha e Irlanda (que se ocupou do evento deste ano) e pela Sociedade de Direito Eclesiástico. Ambas as instituições promovem o estudo do direito canônico e suas relações com outras disciplinas.

O conceito de sinodalidade

Em seu discurso, intitulado “*Sinodalidade e o princípio da subsidiariedade*”, o arcebispo venezuelano inicialmente aprofundou o conceito de sinodalidade, lembrando como São Paulo VI e São João Paulo II o relacionaram à “união colegial entre os bispos”. Foi o Papa Francisco – com a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* e a Constituição Apostólica *Episcopalis Communio* – que ampliou a perspectiva, referindo-se à “Igreja inteira”, ou seja, a todo o Povo de Deus e não a uma genérica “opinião pública”.

O caminho comum

A palavra “sínodo”, explicou Peña Parra, deriva do grego e indica o “caminho comum” de toda a comunidade eclesial. Ela implica um processo de discernimento que busca a plena vontade de Deus não apenas em nível pessoal, mas também comunitário, abrangendo a totalidade da Igreja.

Comunhão “orgânica”

O prelado recordou então o conceito de comunhão, que São João Paulo II, na Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici*, definia como “orgânica”, semelhante à de um corpo vivo: caracterizada pela diversidade e complementaridade de vocações, ministérios, carismas e responsabilidades. Nessa perspectiva, a sinodalidade se manifesta como expressão concreta da comunhão, nas relações entre “todos”, “alguns” e “cada um”.

O princípio da subsidiariedade

Passando então à subsidiariedade, Peña Parra explicou que ela pressupõe uma ordem hierárquica, mas ao mesmo tempo valoriza o papel de cada indivíduo dentro da comunidade. Trata-se de um dos princípios mais constantes e característicos da doutrina social da Igreja, que afirma a importância de resolver as questões no nível mais baixo e menos centralizado possível, com um equilíbrio entre a “não interferência da autoridade” e seu dever de “apoio e assistência”.

O “perigo da fragmentação”

O arcebispo reconheceu que a aplicação desse princípio, na história recente da Igreja, suscitou opiniões divergentes: alguns temem que ele possa colocar em risco a unidade do Povo de Deus, expondo-o ao “perigo da fragmentação”. No entanto, ele precisou que não se pode comparar a Igreja a uma nação soberana, pois nas comunidades eclesiais as autoridades locais não “retiram competências” do centro, mas sim “contribuem para a missão universal” da Igreja.

As realidades sinodais da Igreja

Peña Parra lembrou que as realidades sinodais já estão presentes na vida eclesial: nas Igrejas particulares e nas suas estruturas, bem como nas Conferências Episcopais e nos Concílios particulares, que encarnam a união colegial dos bispos. A sinodalidade, acrescentou, é “o que a Igreja é chamada a ser”. Nesta perspectiva, também a Cúria Romana não se coloca como um simples instrumento de mediação entre a Igreja universal e as Igrejas particulares, mas como expressão de uma harmonia já existente, através de uma abordagem “intradicastral” em que cada organismo representa a totalidade do Povo de Deus.

O trabalho das Conferências Episcopais

Este estilo de serviço é compartilhado também com as Conferências Episcopais, que se revelaram preciosas em sua familiaridade com as necessidades dos fiéis e na competência demonstrada na elaboração de acordos bilaterais “sem romper sua ligação com a Santa Sé”. Reflete-se, portanto, uma “saúdável descentralização” inspirada justamente no princípio da subsidiariedade — fundamental para enfrentar os desafios do terceiro milênio.

Aplicar o estilo sinodal

Concluindo, o arcebispo destacou os “inúmeros desafios” que ainda permanecem na implementação dos princípios de sinodalidade e subsidiariedade. O objetivo, disse ele, é encontrar um equilíbrio entre dois riscos opostos: por um lado, o retorno a uma abordagem hierárquica e verticalista que sufoca o papel dos fiéis; por outro, um sistema caótico que ameaça a unidade e a missão da Igreja. A chave, reiterou, reside na promoção do “estilo sinodal tão desejado”: ou seja, na partilha de

informações, na escuta e no respeito por cada contribuição. Um caminho que pressupõe um dever “irrevogável” de rever “corajosamente” as estruturas eclesiais, tornando-as “meios” e não “fins” da sinodalidade.

Fonte: Vatican News

"As Portas da Esperança", um caminho de renascimento para os detentos

Oito prisões italianas e duas portuguesas participam do projeto criado pela Pontifícia Fundação Gravissimum Educationis. A iniciativa, apresentada na Sala de Imprensa da Santa Sé, envolve a criação de uma entrada artística que nascerá de uma colaboração entre a comunidade penitenciária e uma figura proeminente do mundo da cultura.

Eugenio Murrari – Vatican News



Um momento da apresentação do projeto "Portas da Esperança"

A porta, como espaço concreto e simbólico que favorece o encontro, a comunicação entre a prisão e a vida exterior, e a passagem do desespero para a esperança. Este é o caminho empreendido pela Pontifícia Fundação Gravissimum Educationis do Dicastério para a Cultura e a Educação. A iniciativa "Portas da Esperança", promovida pela fundação, criará "portas" artísticas, monumentos que serão colocados nas entradas das penitenciárias como um sinal visível aos cidadãos de uma possível relação entre sociedade e mundo carcerário.

"É no espírito do Jubileu e na visão do Papa Leão XIV, como se vê na Exortação Apostólica *Dilexi te*", afirmou o prefeito do Dicastério para a Cultura e a Educação, cardeal José Tolentino de Mendonça, "que se manifesta o desejo de continuar abrindo portas, abrindo gestos e despertando consciências que possam dar corpo a uma verdadeira e necessária pedagogia da esperança".

A Cruz como porta de entrada

Davide Rampello, curador do projeto, explicou que as portas serão feitas com os três materiais da Cruz de Cristo: madeira, metal e pedra. As cidades e personalidades envolvidas na iniciativa são Veneza, com o diretor de cinema Mario Martone, Milão, com o designer Michele De Lucchi, Roma, com o pintor e escultor Gianni Dessì, Nápoles, com o artista Mimmo Palladino, Palermo, com o chef Massimo Bottura, Lecce, com o designer Fabio Novembre, Reggio Calabria, com a astrofísica Ersilia Vaudo; e Bréscia, com o arquiteto Stefano Boeri. O diálogo entre estas figuras culturais e a comunidade carcerária também dará vida à criações, graças a uma espécie de "oficina renascentista" que o projeto colocará à disposição, com o apoio da Fundação Cariplo, da qual o presidente Giovanni Azzone participou através de vídeo. A Ministra da Justiça portuguesa, Rita Júdice, também participou remotamente da coletiva. Em Portugal, serão realizadas duas residências artísticas nos cárceres juvenis de Leiria e Tires. A ministra enfatizou a importância da arte na preparação dos reclusos para uma nova vida, uma vez que toda instituição prisional visa ressocializar os reclusos e ajudá-los a reintegrar-se no mercado de trabalho.

Quando o sofrimento se torna expressão

As Portas da Esperança contam com a colaboração essencial do Departamento de Administração Penitenciária do Ministério da Justiça da República Italiana, chefiado por Stefano Carmine De Michele, que observa: "Para nós, as Portas da Esperança são muito mais do que uma

iniciativa artística; é um caminho. Um caminho que atravessa simbolicamente os muros da prisão, abrindo-os à luz do diálogo, da escuta, da beleza e, acima de tudo, do respeito pela dignidade humana." De fato, o propósito da detenção é a reinserção social, conforme previsto pela Constituição italiana, e não apenas a execução de penas. Ao dialogar e colaborar com artistas, os presos poderão, segundo De Michele, "reelaborar positivamente sua experiência prisional, dar forma às suas experiências interiores e, assim, transformar o sofrimento em expressão". A conexão entre cárcere e sociedade será, portanto, "um limiar entre o passado e o possível, entre o erro e a mudança, entre o isolamento e o retorno à comunidade".

A possibilidade de um encontro

Monsenhor Davide Milani, secretário-geral da Pontifícia Fundação Gravissimum Educationis, lembrou que a etimologia da palavra "porta" remete ao significado de "passagem", o mesmo termo subjacente a "porto", e evoca dinamismo em vez de imobilidade. "A porta", observou monsenhor Milani, "é um instrumento para salvaguardar o que merece ser protegido — uma casa, um escritório, uma escola, um hospital, uma igreja — mas convida, sob certas condições, a ser atravessada, a entrar, a viver, devidamente transformado, em uma relação". Atravessar, como acontece com os peregrinos do Jubileu, é um convite à mudança, que nos lembra o Evangelho de João: "Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará e sairá, e encontrará pastagens" (Jo 10, 9).

Escuta

Gianni Dessì, o artista que animará a criação da porta da prisão Regina Coeli, em Roma, sente o peso da responsabilidade de um compromisso tão importante: "É preciso um sinal com um significado profundo, e acredito que isso me levará, acima de tudo, à escuta". Os encontros com pessoas nas instituições prisionais serão cruciais para definir o percurso e enriquecê-lo com conteúdo, porque, alerta ele, "a arte pode ser pobre, mas não deve ser miserável", e a relação viva que emergirá do encontro dará a substância principal à obra artística. Para Enrico Farina, diretor da prisão de Santa Maggiore, em Veneza, que está envolvida neste caminho, graças à metáfora da porta, os detentos poderão "olhar além da linha da sombra".

Fonte: Vatican News

Cavaleiros de Colombo: fortalecer a fé e a fraternidade sob Leão

Em entrevista ao Vatican News, Patrick E. Kelly, Cavaleiro Supremo da organização católica masculina Cavaleiros de Colombo, fala sobre como o primeiro Papa estadunidense é um Papa para todos, sobre as obras de caridade dos Cavaleiros e suas tentativas de promover a formação espiritual dos homens em um momento de crise. Ao longo do próximo ano, espera-se que outros 100.000 homens se juntem à organização.

Dom Paweł Rytel-Andrianik e Wojciech Rogacin



O Papa cumprimenta Patrick Kelly, cavaleiro supremo dos Cavaleiros de Colombo. (@Vatican Media)

Durante sua peregrinação jubilar a Roma, o Conselho Administrativo dos Cavaleiros de Colombo foi recebido em audiência pelo Papa Leão XIV no dia 6 de outubro. O Cavaleiro Supremo, Patrick E. Kelly, declarou à *Vatican News* que este foi seu segundo encontro com o Santo Padre, mas a primeira audiência do Conselho dos Cavaleiros de Colombo com o Papa.

A alegria de encontrar o Santo Padre

“Foi um encontro maravilhoso, no qual pudemos expressar-lhe o nosso agradecimento e dizer-lhe o que ele significa para nós. Ficamos honrados por ele ter expressado a sua gratidão aos Cavaleiros de Colombo e ao trabalho que realizamos para apoiar a Igreja, para apoiar o Vaticano e para apoiar a vida humana”, afirmou Patrick E. Kelly ao *Vatican News*.

Um Papa próximo dos americanos e do mundo inteiro

Quando questionado sobre como se sentiu ao conhecer o primeiro Papa estadunidense da história, o Cavaleiro Supremo afirmou que a experiência foi profundamente comovente.

“Foi uma sensação incrível ter um Papa que cresceu a poucas centenas de quilômetros de você. Talvez seja assim que os poloneses se sentiram com João Paulo II. O Papa Leão cresceu em Chicago, e eu estive em Chicago muitas vezes e cresci no Centro-Oeste”, declarou Patrick E. Kelly.

Ele acrescentou que a eleição de Leão XIV é um momento maravilhoso para toda a Igreja. “Acho que é um momento muito emocionante para toda a Igreja porque o Papa Leão – sim, ele nasceu nos Estados Unidos – mas, na verdade, é o Papa para o mundo inteiro. Ele tem o coração de um missionário, um coração para os pobres; ele é realmente o Papa para todos, e isso é maravilhoso”, acrescentou o Cavaleiro Supremo.

As famílias acolhidas pelo Papa Leão XIV

Ele observou que foi uma experiência extraordinária para todo o Conselho dos Cavaleiros de Colombo — a maior organização masculina da Igreja Católica — ser recebido em audiência pelo Papa Leão XIV junto com suas famílias.

“Para mim, pessoalmente, foi muito emocionante que os membros do nosso Conselho pudessem trazer suas famílias e que todos pudessem cumprimentar o Santo Padre. Ele cumprimentou a todos e nos concedeu muito tempo, pelo que ficamos muito, muito gratos”, afirmou Kelly.

Epidemia de solidão

Ele acrescentou que, como líder dos Cavaleiros de Colombo, conversou com o Papa sobre a crise entre os homens. “Falei com ele sobre o fato de que os homens muitas vezes se sentem alienados e isolados e que os Cavaleiros de Colombo podem fazer muito, realmente, para reunir os homens: homens que pensam da mesma forma e que têm um coração para a Igreja e que podem enfrentar essa epidemia de solidão sobre a qual falamos tanto. O Papa Leão foi muito eloquente sobre isso”, reconheceu o Cavaleiro Supremo.

Iniciativa principal

Kelly falou sobre um novo programa recentemente introduzido pelos Cavaleiros de Colombo chamado *Cor*, que se concentra na formação da fé dos homens e na partilha dessa fé com o próximo.

“Reunimos os homens em um ambiente de confiança, em um ambiente de fé. E fornecemos materiais que eles podem ler e estudar e, em seguida, se reunir e discutir questões muito importantes. Obviamente, é formação na fé, mas é também mais do que isso... é um encontro pessoal uns com os outros, mas também com Jesus Cristo”, afirmou Patrick E. Kelly.

Como ele explicou, *Cor* começou em pequena escala, mas agora mais de 5.000 conselhos estão envolvidos no programa.

“Acho que os Cavaleiros de Colombo serão cada vez mais vistos como uma forma de os homens se reencontrarem. E acho que isso levará naturalmente ao crescimento dos Cavaleiros de Colombo”, concluiu Patrick E. Kelly.

Fonte: Vatican News

Santa Sé: a liberdade religiosa põe à prova o respeito pelos direitos humanos

O discurso do arcebispo Caccia, observador permanente da Santa Sé junto às Nações Unidas, na sessão de trabalhos do terceiro comitê no âmbito da 80ª Assembleia Geral da ONU

Vatican News

“O mundo contemporâneo enfrenta desafios significativos, incluindo conflitos e violência, pobreza e fome, restrição de direitos e fragmentação social. Neste contexto, os esforços para otimizar a eficácia das Nações Unidas são frequentemente prejudicados pela polarização e ainda mais complicados pelas restrições financeiras impostas pela crise de liquidez. Nestas circunstâncias, são necessárias uma reflexão cuidadosa, um pensamento inovador e a coragem de tomar decisões difíceis”: foi o que afirmou o arcebispo Gabriele Caccia, observador permanente da Santa Sé junto às Nações Unidas, na sessão de trabalho da terceira comissão no âmbito da 80ª Assembleia Geral da ONU.

Promover e proteger os direitos humanos

Em seu discurso, o prelado lembrou que “as raízes dos direitos humanos estão na dignidade concedida por Deus a cada ser humano”. O Estado, portanto, “tem o dever de promover e proteger os direitos humanos, que são condições necessárias para a prosperidade humana”. Para dom Caccia, “isso deve ocorrer em um contexto que apoie tanto as liberdades individuais quanto nossas responsabilidades recíprocas. Esses direitos são universais, invioláveis, inalienáveis. Universais porque presentes em todos os seres humanos, sem exceções. Invioláveis porque inerentes à pessoa humana e à sua dignidade. Inalienáveis porque ninguém pode legitimamente privar outra pessoa desses direitos, pois isso violaria sua natureza”.

O risco de uma moda cultural que nivela tudo

O arcebispo destacou que “se no passado a mentalidade colonialista ignorava a vida concreta das pessoas e impunha modelos culturais predeterminados, hoje se multiplicam as colonizações ideológicas que chocam com a realidade, sufocam o apego natural dos povos aos seus valores e pretendem erradicar suas tradições, sua história e seus laços religiosos”. Segundo dom Caccia, “essa mentalidade, pensando presunçosamente ter superado as páginas obscuras da história, abre-se à ‘cultura do cancelamento’, que julga o passado apenas a partir de categorias contemporâneas. Cria-se assim uma moda cultural que nivela tudo, iguala tudo, não tolera as diferenças e se concentra no presente, nas necessidades e nos direitos das pessoas, muitas vezes negligenciando os deveres para com os irmãos mais fracos e vulneráveis: os pobres, os migrantes, os idosos, os doentes, os nascituros... São eles - continuou - os esquecidos nas “sociedades do bem-estar”; são eles que, na indiferença geral, são descartados como folhas secas para serem queimadas”. Dom Caccia reiterou ainda o compromisso da Santa Sé “com o papel central da liberdade religiosa, não por ignorar outras liberdades, mas porque ela representa o teste decisivo do respeito por todos os outros direitos humanos e liberdades fundamentais. Como afirma o Papa Leão, trabalhando juntos temos a oportunidade de “construir um mundo em que todos possam levar uma vida autenticamente humana na verdade, na justiça e na paz”. A Santa Sé - concluiu - continuará a fazer a sua parte”.

Fonte: Vatican News

Cardeal Pizzaballa: o acordo para Gaza é um primeiro passo para a paz

O patriarca Latino de Jerusalém expressa confiança no acordo alcançado entre Hamas e Israel, afirmando que "haverá muitos obstáculos e não será fácil". O Patriarcado trabalhará para "facilitar tudo o que possa levar uma maior serenidade ao povo de Gaza, palestinos e israelenses, para ajudar a reconstruir as infraestruturas e a devastação humana que esta guerra causou".

Francesca Sabatinelli – Vatican News

"Finalmente, uma boa notícia depois de dois anos de tormento para todos. É um alívio, e estamos todos muito felizes." O patriarca latino de Jerusalém, cardeal Pierbattista Pizzaballa, declarou à imprensa vaticana seu total apoio ao acordo de cessar-fogo em Gaza alcançado entre Hamas e Israel, sem esconder que "haverá muitos obstáculos e não será fácil". No entanto, permanece o fato, afirma ele, de que se trata de "um primeiro passo necessário que traz uma atmosfera de confiança e também um sorriso a muitas famílias, tanto em Israel quanto na Palestina, especialmente em Gaza".



Gaza comemora acordo alcançado entre Hamas e Israel

O Patriarcado em apoio à reconstrução

Tudo depende agora da vontade das partes envolvidas, da gestão do pós-conflito e de quem irá geri-lo. "Este – explica – será um tema que talvez apresente algumas dificuldades, mas se todo o resto foi superado, também estas serão superadas". Embora não seja possível neste momento falar de paz em todos os aspectos, e tendo em conta os obstáculos que poderão surgir, agora é preciso trabalhar "para o fim das hostilidades militares e começar a elaborar uma perspectiva não só para Gaza, mas para toda a população palestina". Ainda há muito trabalho a ser feito, o patriarca de Jerusalém não esconde isso, e não deixa de manifestar toda a sua confiança: "Não quero ser pessimista, estamos felizes com o que foi alcançado". O Patriarcado, assegura, continuará trabalhando como sempre fez, "apoando nossa comunidade, ajudando e facilitando tudo o que puder trazer mais serenidade à população de Gaza, aos palestinos e aos israelenses, e também procurando ajudar na reconstrução não apenas das infraestruturas, mas também da devastação humana que esta guerra causou".



O patriarca latino de Jerusalém, cardeal Pierbattista Pizzaballa

Ajuda humanitária imediata

O cardeal Pizzaballa, num comunicado divulgado nesta quinta-feira, 09 de outubro, expressa alegria por ver "algo novo e diferente", uma "nova atmosfera para a continuação das negociações", enfatizando, no entanto, que "a vida em Gaza continuará terrível por muito tempo". Este primeiro passo é, portanto, "o início de uma nova fase" que pode levar a pensar "não mais na guerra, mas em como reconstruir após a guerra". O texto do Patriarcado manifesta a esperança de que o acordo "seja plenamente e fielmente implementado" e enfatiza a urgência de "ajuda humanitária imediata e a entrada incondicional de ajuda suficiente para a população sofridora de Gaza". Acima de tudo, reitera a necessidade de que o acordo alcançado "abra um caminho de cura e reconciliação tanto para palestinos quanto para israelenses". Expressando apreço pelos "esforços incansáveis" daqueles que tornaram o acordo possível, o Patriarcado convida todos "a se unirem ao Dia de Oração pela Paz proclamado pelo Papa Leão XIV em 11 de outubro".

Fonte: Vatican News

Cardeal Tempesta: O rosto de Cristo na carne dos pobres

Foi publicada nesta data a Exortação Apostólica do Papa Leão XIV, um tema que estava sendo trabalhado pelo Papa Francisco, eis que temos em mãos esse belo documento. O primeiro documento do Santo Padre é sobre a doutrina social da igreja.

Cardeal Orani João Tempesta, O. Cist. - Arcebispo Metropolitano de São Sebastião do Rio de Janeiro, RJ

Foi publicada nesta data a Exortação Apostólica do Papa Leão XIV, um tema que estava sendo trabalhado pelo Papa Francisco, eis que temos em mãos esse belo documento. O primeiro documento do Santo Padre é sobre a doutrina social da igreja.

É com o coração repleto de uma profunda alegria e gratidão filial que me dirijo a todos. Em tempos de tantas incertezas, em que as sombras da indiferença e do individualismo parecem se alongar sobre o mundo, o Espírito Santo, por meio da voz profética de nosso amado Santo Padre, o Papa Leão XIV, nos oferece um farol de esperança e um caminho seguro: a Exortação Apostólica *Dilexi te*. Este documento, cujo título é a própria declaração de amor de Cristo à sua Igreja – «Eu te amei» – chega até

nós não como um simples tratado sobre a caridade, mas como um convite apaixonado a um encontro transformador, um mergulho profundo no mistério da Encarnação e um apelo urgente à conversão de nosso olhar, de nosso coração e de nossas estruturas eclesiais.

O Papa Leão XIV, com a sabedoria pastoral e a clareza teológica que já marcam os albores de seu abençoado pontificado, não busca inventar uma nova doutrina. Pelo contrário, com a humildade de um verdadeiro mestre, ele retoma o fio de ouro da Tradição bimilenária da Igreja, aprofundando o luminoso legado de seus predecessores – em especial do Papa Francisco, cujo projeto para esta Exortação ele assume como herança – para nos recordar uma verdade que, por ser tão central e incômoda, sempre corremos o risco de esquecer ou de domesticar: o vínculo indissolúvel, essencial e não negociável entre a nossa fé em Jesus Cristo e o amor concreto, eficaz e preferencial pelos pobres. Dilexi te nos impele a superar a tentação de ver os pobres como um “problema social” a ser terceirizado ou como objeto de uma filantropia ocasional. A Exortação nos ensina a reconhecê-los como o que verdadeiramente são no mistério da fé: a “própria carne de Cristo”, um lugar teológico privilegiado, um sacramento vivo de Sua presença sofredora e redentora no mundo.

O Santo Padre, com grande maestria, alicerça toda a sua reflexão na rocha da Palavra de Deus. Ele nos recorda que a opção preferencial pelos pobres não é uma invenção sociológica do século XX ou uma estratégia pastoral moderna, mas uma escolha do próprio Deus, uma “opção teológica” que permeia toda a história da salvação. Desde a sarça ardente, onde a revelação do Nome divino está intrinsecamente ligada à escuta do clamor do povo oprimido no Egito – “Eu bem vi a opressão do meu povo, e ouvi o seu clamor. Desci a fim de o libertar” – a Sagrada Escritura nos revela um Deus cujo coração se inclina de modo especial para os mais frágeis, para a viúva, o órfão e o estrangeiro. Os profetas, como Amós e Isaías, não se cansam de denunciar a injustiça social e de advertir que um culto separado da prática da justiça é uma abominação aos olhos do Senhor.

Esta predileção divina atinge seu ápice, sua plenitude insuperável, na pessoa de Jesus de Nazaré. O Papa Leão XIV nos conduz a contemplar como a pobreza de Cristo não foi um mero acidente biográfico ou uma condição sociológica, mas uma escolha teológica radical, um ato de esvaziamento (kénosis) em vista da nossa salvação. São Paulo resume este mistério de forma sublime: “Conheceis bem a bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, se fez pobre por vós, para vos enriquecer com a sua pobreza”. Esta pobreza se manifesta em cada detalhe de sua vida terrena. Desde o nascimento numa manjedoura, pois “não havia lugar para eles na hospedaria”, passando pela oferta dos pobres no Templo, pela vida de mestre itinerante que “não tem onde reclinar a cabeça”, até a morte ignominiosa na cruz, despojado de tudo, Ele se identifica plenamente com os excluídos. Jesus é, por excelência, o Messias pobre que vem anunciar a Boa Nova aos pobres.

É nesta perspectiva cristocêntrica que a Exortação nos convida a superar, de uma vez por todas, a visão da caridade como mera beneficência ou assistencialismo. Ajudar os necessitados não é apenas um ato de bondade humana; é um ato teológico, um encontro com o próprio Senhor. Como nos recorda o Santo Padre com agudeza, as palavras de Jesus, “Pobres, sempre os tereis convosco” e “Sabei que Eu estarei sempre convosco”, iluminam-se mutuamente. O pobre é um sinal visível e concreto da presença permanente de Cristo na história. Assim, a grande cena do Juízo Final deixa de ser uma alegoria distante para se tornar o critério último e definitivo de nossa vida: “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes”. A caridade não é um dos muitos preceitos; é a chave que nos abre as portas do Reino.

A partir desta sólida base bíblica e cristológica, o Papa Leão XIV nos desafia a uma profunda conversão do coração. O maior obstáculo ao amor, adverte o Pontífice, não é a falta de recursos, mas a dureza do coração, a indiferença, que ele descreve como sintoma de uma “sociedade enferma, pois procura construir-se de costas para o sofrimento”. Para curar esta enfermidade, o Santo Padre nos propõe o modelo perene do bom samaritano. Ele nos convida a não passarmos apressadamente pela parábola, mas a nos deixarmos interpelar pela pergunta cortante de Jesus: “Com quem te identificas?”. A qual deles te assemelhas? Ao sacerdote e ao levita, que viram e passaram ao largo, talvez protegidos por suas justificativas religiosas, ou ao samaritano, um estrangeiro, que se deixou mover pela compaixão e se fez próximo? Esta pergunta ecoa com uma força avassaladora nas páginas de Dilexi te e deve ressoar na consciência de cada cristão, de cada comunidade.

A Exortação nos alerta contra as ideologias e desculpas que nos afastam dos pobres, inclusive dentro da própria Igreja. O Papa critica com veemência a “mundanidade espiritual” que se disfarça por

trás de práticas religiosas vazias, de discursos que separam a fé da vida ou de uma pastoral de elites que esquece que “a pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual”. Não podemos, adverte o Pontífice, separar a pureza da fé do serviço eficaz ao próximo, especialmente ao oprimido. Uma ortodoxia que não se traduz em ortopraxis da caridade é uma fé morta, como nos ensina o apóstolo Tiago.

Neste exigente caminho de conversão, o Papa Leão XIV nos oferece uma perspectiva surpreendente, libertadora e profundamente evangélica: os pobres nos evangelizam. Esta não é uma frase de efeito, mas uma verdade teológica. Eles, que muitas vezes não têm nada a perder, que vivem na precariedade e aprendem a confiar unicamente em Deus, que desenvolvem laços de solidariedade que nossas sociedades abastadas esqueceram, possuem uma “misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles”. Eles nos ensinam a paciência, a resiliência, a alegria nas coisas simples. Eles desmascaram nosso orgulho, nossa autossuficiência e o vazio de uma vida centrada na acumulação de bens. Ao nos despirmos de nossas seguranças para nos aproximarmos deles, não estamos apenas doando, mas recebendo. É um intercâmbio de dons, no qual, muitas vezes, recebemos muito mais do que damos. Deixar-se evangelizar pelos pobres é permitir que o Evangelho nos alcance em nossa própria pobreza.

Em última análise, Dilexi te é um poderoso e inadiável chamado à santidade. Uma santidade que não se mede por visões extraordinárias, mas pela capacidade concreta de amar e servir a Cristo na pessoa dos pobres. O Papa Leão XIV nos recorda, com as palavras claras e fortes do Evangelho, que seremos julgados pelo amor. A Exortação é um guia seguro, um mapa detalhado para que cada fiel, cada família, cada paróquia, cada movimento e cada diocese possa reexaminar sua vida e sua missão à luz desta verdade central do Evangelho. Não se trata de uma opção entre muitas, mas do coração pulsante da missão eclesial.

Acolhamos com o coração aberto e a mente dócil este magistério luminoso de nosso Santo Padre. Peçamos ao Espírito Santo a graça de não sermos surdos ao clamor dos pobres, mas de vermos, em cada rosto sofredor, o rosto amado de Cristo que nos repete hoje: “Eu te amei”. E que, tocados por este amor, sejamos capazes de amar da mesma forma, com gestos, com compromisso e com a vida inteira. Que a Virgem Maria, Mãe dos Pobres e Causa de nossa alegria, nos acompanhe neste caminho de conversão e serviço, para que nossa Igreja seja, cada vez mais, a casa de todos, especialmente dos mais pequeninos do Reino.

Fonte: Vatican News

Consagradas seculares do Brasil participam do Jubileu em Roma

Peregrinos de Esperança: consagradas seculares do Brasil participam do Jubileu da Vida Consagrada em Roma.

Vatican News

Com o coração cheio de fé, entusiasmo e alegria, um grupo de 20 consagradas seculares de todas as regiões do Brasil partiu no dia 6 de outubro, à noite, do Aeroporto Internacional de São Paulo, rumo a Roma, para participar do Jubileu da Vida Consagrada. Após uma escala em Madri, as consagradas já se encontram em solo italiano, unindo-se aos milhares de peregrinos que participam deste momento histórico de celebração da Vida Consagrada em todas as suas formas e expressões.

Representando a Conferência Nacional dos Institutos Seculares do Brasil (CNISB), os Institutos e todos os consagrados e consagradas seculares do país, o grupo vivenciará dias de intensa comunhão, oração e espiritualidade durante o Jubileu Ordinário de 2025, que tem como lema “Peregrinos de Esperança”.

De 8 a 12 de outubro, Roma acolherá consagrados e consagradas de todo o mundo — religiosos e religiosas, membros da Ordem das Virgens, das Sociedades de Vida Apostólica e dos Institutos Seculares — num grande encontro promovido pelo Dicastério para a Evangelização em comunhão com o Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica.



Consagradas seculares do Brasil participam do Jubileu da Vida Consagrada em Roma.

Durante o Jubileu, o grupo brasileiro terá a oportunidade de participar de momentos profundamente simbólicos e espirituais, como a peregrinação à Porta Santa e a celebração do Sacramento da Reconciliação, a Audiência Geral com o Santo Padre, a Vigília de Oração e a Santa Missa presidida pelo Papa Leão XIV, além de reflexões sobre os temas da Esperança e da Paz, conversações espirituais e orações pela paz em diferentes idiomas, incluindo a Oração na cidade, no coração de Roma, reunindo consagradas e consagrados de diversas nações em testemunho público de fé e comunhão.

Segundo Moema Rodrigues Muricy, presidente da CNISB, a presença das consagradas seculares neste Jubileu “é um testemunho de comunhão, alegria e fé”:

“É com grande alegria que a CNISB se faz presente no Jubileu da Vida Consagrada pela presença de 20 consagradas em Roma que irradiam essa alegria pelo seu sorriso e no acreditar da sua vocação e missão e, em comunhão com elas, estão todos os Institutos em caminhada sinodal, conscientes de serem peregrinos de esperança no mundo e com desafios, mas firmes no alicerce de Jesus Cristo.”

Para Moema, esta participação expressa a resposta ao apelo da Igreja para viver este Ano Santo como um tempo de fraternidade, escuta e esperança, abrindo caminhos de comunhão entre todas as formas de Vida Consagrada.

A CNISB convida todos os Institutos e comunidades do Brasil a acompanharem este tempo jubilar de graça e comunhão, unidos em prece e gratidão, pedindo que esta experiência em Roma renove a esperança e fortaleça o testemunho da Vida Consagrada Secular no coração do mundo, “como fermento de unidade, de esperança e de paz”.



Consagradas seculares do Brasil participam do Jubileu da Vida Consagrada em Roma

O que é o Jubileu?

A cidade de Roma, de 24 de dezembro de 2024 a janeiro de 2026 — entre a abertura e o fechamento da Porta Santa na Basílica de São Pedro — sedia o 27º Jubileu da história.

Trata-se de um ano especial de graça no qual os fiéis são convidados a renovar sua fé e a pedir a indulgência plenária para si mesmos ou por intenções de parentes falecidos.

O Jubileu de 2025 foi inicialmente convocado por Papa Francisco, que escolheu como lema “Peregrinos de Esperança”, propondo-o como um tempo para “reacender a chama da esperança” e favorecer “um novo renascimento espiritual e humano” em toda a Igreja. Essa inspiração permanece viva sob o pontificado de Papa Leão XIV, que preside agora as celebrações jubilares e convida os fiéis a prosseguir “no caminho da paz”, aprofundando o sentido reconciliador e fraterno deste Ano Santo.



Consagradas seculares do Brasil participam do Jubileu da Vida Consagrada em Roma

O Jubileu da Vida Consagrada

Dentro do espírito do Ano Santo, os homens e mulheres consagrados são chamados a viver o Jubileu de maneira particular. Além do lema oficial, o Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica propôs a ênfase no tema “Peregrinos da Esperança, no Caminho da Paz”, destacando o compromisso com a reconciliação, a justiça e o amor como fundamentos da verdadeira paz.

“Queremos viver este Jubileu como peregrinos da esperança, no caminho da paz — aquele dom de Deus que é inseparável da justiça, da verdade e do amor, e que expressa a plenitude da vida, a harmonia com Deus, consigo mesmo, com os outros e com a criação”, afirma a mensagem do Dicastério dirigida às comunidades e pessoas consagradas.

O Jubileu da Vida Consagrada é aberto a todas as formas de vida consagrada — vida religiosa, institutos apostólicos, vida contemplativa, institutos seculares, novas formas de consagração, ordo virginum e sociedades de vida apostólica —, bem como àqueles em formação ou em discernimento vocacional.

São esperados mais de 16 mil participantes de todo o mundo para as celebrações, que culminarão com a Santa Missa presidida pelo Papa Leão XIV, na Praça de São Pedro.

Partiram como peregrinas de esperança, e nós, no Brasil, as acompanhamos em comunhão e alegria, certos de que este Jubileu será um tempo de renovação espiritual e missionária para toda a Vida Consagrada.

Fonte: Vatican News

Prémio Camões à angolana Ana Paula Tavares, poesia em pessoa

É um prémio merecido, concordam poetas e escritores que se sentem de algum modo também premiados na pessoa de Ana Paula Tavares. Unanimidade e regozijo perpassam as redes sociais com escritos a pôr em realce a qualidade da obra poética da galardoada, a sua simplicidade e coerência entre a vida e os valores professados. E ela confessa que são as inquietações da África e de Angola que a movem para a poesia.

Dulce Araújo - Vatican News

"(What a joyful day!) - A poeta, historiadora, antropóloga e professora angolana Ana Paula Tavares, autora de uma fecunda criação estética, assim como de textos científicos de referência, venceu a 37.ª edição do Prémio Camões. A escolha de 2025 é jubilosa. No ano passado foi distinguida a poeta brasileira Adélia Prado. Estou em estado de poesia e em transbordante alegria!"

Foi assim que o poeta cabo-verdiano, Filinto Elísio, acolheu, quarta-feira, 8/10/25, a notícia da atribuição do Prémio Camões a Ana Paula Tavares.



Ana Paula Tavares - Poeta, atropóloga e historiadora - Premio Camões 2025

E no habitual programa semanal da Rádio Vaticano “África em Clave Cultural: personagens e eventos” de que é parceiro, justifica essa alegria pondo em realce as características estéticas e temáticas da poética da galardoada: africanidade, angolidade, filão feminino tanto do ponto de vista existencial como antropológico.

Ele regozija-se também por o Prémio ter contemplado, pelo segundo ano consecutivo, a poesia e, como poeta e escritor, sublinha: "Todos nos sentimos premiados em Ana Paula Tavares."

Coerência entre o que pensa e o que faz

Outro intelectual que exprime regozijo pela atribuição do Prémio Camões a Ana Paula Tavares é o conhecido ativista dos Direitos Humanos, em Lisboa, Mamadou Ba. No seu post no fb escreve:

"Ana Paula Tavares pertence a uma espécie humana rara, quase em vias de extinção, precisamente pelos valores que a distinguem do comum dos mortais. Longe dos holofotes e do ruído do circo da fama que corrói a academia, ela impõe-se pela consistência das suas convicções, pela coerência sólida entre o que pensa e o que faz, e por uma inteligência luminosa que se exprime com humildade e generosidade. É essa combinação de grandeza e simplicidade que faz de Ana Paula Tavares uma presença verdadeiramente singular. Ela está de parabéns pelo merecido prémio."

Palavras com que Filinto Elísio concorda, chamando atenção para a suavidade e a estética com que Ana Paula Tavares aborda, na sua poesia, temas contundentes. "Poesia em pessoa" a define. E recorda, particularmente, a sua qualificada intervenção, com elegância e humanidade, no Festival de Literatura Mundo do Sal, na qual ela participou, em 2024. Para o Filinto, se trata realmente duma escritora-mundo pelo seu “enraizamento na ancestralidade africana, mas rizomática na procura do mundo.”

Continente africano e Angola, motor para a poesia

Em entrevista ao mencionado programa sobre a cultura, a 30 de julho de 2020, Ana Paula Tavares, que é também historiadora e antropóloga, confessou que gostaria de poder dedicar-se inteiramente à poesia e que o que a move para esta arte são as inquietações do continente africano e de Angola e que o filão da mulher na sua poesia tem também a ver com o facto de lhe ser mais familiar, e de volta e meia voltarem à sua mente, questões femininas que no momento não tinha compreendido, e por reconhecer que na fala daquelas mulheres se encontram soluções...

Interpelada se a sua poética e a sua mensagem chegam aos sujeitos e lugares que nela aborda e se ajudam a resolver problemas, diz que não, mas isto "não me impede continuar a escrever" - afirma, esperançosa de que a das jovens gerações possa ser mais difundida. Aliás, considera que, para ela poesia e mensagem não estão sempre no mesmo patamar. Poesia "é um todo em si" e é isso que procura - assegura.

Em baixo a emissão "África em Clave Cultural: personagens e eventos" deste dia 2/10/25 em que fala também das várias épocas da História angolana da sua especialização, em particular a história colonial e violência em que se traduziu particularmente para os povos Lunda e Chokwe, no Leste de Angola.

Não faltam, na entrevista, referências, com algum riso, a uma das suas obras poéticas (Manual para Amantes Desesperados) e a uma outra obra então na forja.

Fonte: Vatican News



Clemir Fernandes e Paulo Sampaio nos estúdios da Rádio Vaticano.

Conheça o ISER e a sua atuação no Brasil

O ISER, fundado em 1970 em São Paulo e posteriormente no Rio de Janeiro, é uma instituição de pesquisa, e sempre se pautou pela percepção de que a religião é um fator fundamental de mudança social e uma variável indispensável para melhor compreender e atuar junto à sociedade brasileira.

Vatican News

Recebemos nos dias passados nos estúdios da Rádio Vaticano – Vatican News o presidente do ISER, Instituto de Estudo sobre Religião, Clemir Fernandes e Paulo Sampaio, articulador político do mesmo Instituto. O ISER é uma organização laica da sociedade civil brasileira que produz estudos, pesquisas e intervenção social em duas áreas estratégicas: Religião & Espaço Público e Direitos & Sistema de Justiça.

Na conversa com Silvonei José Clemir destacou que o “ISER surgiu em 1970, em São Paulo, e no final da década foi para o Rio de Janeiro, numa tentativa de estudar religião no Brasil, num contexto ainda muito difícil, de autoritarismo no país. E o estudo que se propunha era entender a ação das comunidades religiosas, principalmente da Igreja católica. As primeiras das muitas pesquisas que fizemos foi entender o papel e a ação da igreja católica no Brasil. E por isso a gente se constituiu como uma instituição de pesquisa, e temos uma produção muito rica com publicações, e também de ação, de intervenção social na defesa do direito, da dignidade humana, inclusive na temática de justiça socioambiental que a gente vai depois se envolver nessa tarefa a partir dos anos 90”.

Qual é hoje a realidade então do ISER? “O ISER hoje atua em 3 grandes áreas: é uma casa com uma história de muitos pesquisadores e pesquisadoras, cientistas sociais, antropólogos, cientistas políticos, religiosos, pessoas também sem religião, mas todos comprometidos com a causa da defesa da dignidade humana. Então o ISER hoje atua numa área de produção de conhecimento e intervenção, que a gente chama de religião e política. E política não partidária, mas política como entendimento de uma ação humana em favor daquilo do bem comum, da defesa da democracia, dos direitos, etc. Outra área, e no Brasil isso não é detalhe, do enfrentamento da violência, inclusive da violência muito grave que tira a vida de pessoas, então a gente no Rio tem pesquisas importantes e intervenção também, por exemplo, apoiar o trabalho de mulheres que têm filhos no sistema prisional, ou seus maridos, como elas podem atuar por dignidade humana, por reconhecimento de que essas pessoas também merecem ser respeitadas nas suas na sua dignidade. Então são trabalhos de humanização muito importante. E uma área pela qual a gente também está aqui em Roma nesses dias, e que a gente chama de religião e meio ambiente. Temos programa de desde antes da Rio 92, quando a ONU fez o encontro no Rio de Janeiro, e deste encontro a gente tem uma série de ações, até que chegamos a 2015, ano da Laudato Si, do Papa Francisco, que nós também criamos programa nesse mesmo ano, essa mesma inspiração chamado fé no clima. E essa ação, ela já tem também 10 anos agora, articulando comunidades religiosas de diversas matrizes para compreensão e atuação a partir dos territórios no enfrentamento das mudanças climáticas”.

O ISER e a sua atuação no Brasil

O ISER

Fundado em 1970, o ISER se estabeleceu inicialmente na cidade de Campinas (SP) e se transferiu para o Rio de Janeiro em 1979, consolidando sua institucionalidade e afirmando suas duas dimensões complementares: pesquisa e intervenção social.

Durante o período da redemocratização do país, o ISER contribuiu para a reorganização de movimentos sociais e o surgimento e fortalecimento de organizações da sociedade civil. Criando pontes entre diferentes áreas de conhecimento, o ISER atua com base no diálogo e na promoção de alianças estratégicas na defesa de valores democráticos, justiça e direitos humanos.



Silvonei, Clemir, Paulo e Raffale nos estúdios da Rádio Vaticano

O ISER sempre se pautou pela percepção de que a religião é um fator fundamental de mudança social e uma variável indispensável para melhor compreender e atuar junto à sociedade brasileira. Desse modo, o ISER se destaca por seu olhar precursor nos estudos da relação entre religião, política e direitos humanos.

Cinco décadas de existência registram os cruzamentos das suas diferentes faces: produção de conhecimento, ativismo e articulação. Com esse perfil híbrido, o ISER foi pioneiro em identificar as significativas transformações que ocorreram no campo religioso brasileiro e atravessou os desafios impostos por diferentes conjunturas políticas e mudanças de governos.

Nos últimos 50 anos, o ISER esteve presente em diferentes espaços de reflexão, debate e ação, trabalhando no fortalecimento da democracia e na defesa de direitos. Essa linha do tempo destaca ações, publicações, pesquisas, filmes, formações e encontros que o ISER promoveu ao longo de sua história.

Fonte: Vatican News

‘Amor aos pobres’ é o tema da primeira Exortação Apostólica do Papa Leão XIV

O documento, divulgado na manhã desta quinta-feira, foi iniciado pelo Papa Francisco meses antes de seu falecimento e concluído pelo atual Pontífice.



A Sala de Imprensa da Santa Sé apresentou, durante coletiva de imprensa realizada no Vaticano, na manhã desta quinta-feira, 9 de outubro, o conteúdo da primeira Exortação Apostólica do Papa Leão XIV. O documento, intitulado ‘Dilexi te’ (‘Eu te amei’), trata sobre o amor aos pobres.

A coletiva contou com a participação do diretor da Sala de Imprensa da Santa Sé, Matteo Bruni; do esmoleiro pontifício, Cardeal Konrad Krajewski; do prefeito do dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, Cardeal Michael Czerny, s.j.; o provincial dos Frades Menores de

França/Bélgica, Frei Frédéric-Marie Le Méhauté; e a Irmã Clémence, Irmãzinha de Jesus da Fraternidade das Três Fontes.

De acordo com Matteo Bruni, o documento traz uma reflexão sobre o amor da Igreja para com os pobres, dando continuidade à encíclica *Dilexisti nos*, ‘Amou-nos’, escrita pelo Papa Francisco, que trata sobre o amor humano e divino do coração de Jesus.

A Igreja sempre está pronta a ajudar os pobres

Já o Cardeal Konrad Krajewski explicou que “este documento nos fala um pouco que, através dos séculos, vê-se que a Igreja sempre está pronta a ajudar os pobres. Foi isso que Jesus sempre fez. Da manhã à noite buscava pessoas que precisam Dele. Ele próprio buscava as pessoas. Ele saía para procurar as pessoas”.

O purpurado, que é o responsável pelas obras de caridade do Papa, recordou que no Evangelho existe o ‘hoje’, amanhã não é seguro e ontem já é história, por isso a resposta aos pobres é no agora. Ele ressaltou que é bonito ver como Leão XIV chama a atenção para esse tema mostrando que isso é parte essencial do caminho da Igreja.

Herança do Papa Francisco

Essa exortação apostólica foi iniciada pelo Papa Francisco meses antes de seu falecimento e, assim como ocorreu com a ‘*Lumen Fidei*’, do Papa Bento XVI, recolhida em 2013 por Jorge Mario Bergoglio, o sucessor no pontificado herdou e completou a obra, acrescentando algumas reflexões específicas.

No documento Leão XIV analisa os ‘rostos’ da pobreza: em quesito material, mas também moral, espiritual, cultural, bem como a pobreza “de quem não tem direitos, nem lugar, nem liberdade”. O Pontífice acredita ser insuficiente o compromisso de eliminar as causas estruturais da pobreza em sociedades marcadas por numerosas desigualdades, pelo surgimento de novas formas de pobreza “mais sutis e perigosas” e por regras econômicas que aumentaram a riqueza, “mas sem equidade”. O Santo Padre também denuncia a “ditadura de uma economia que mata”, referindo-se à disparidade do crescimento dos ganhos de ricos e pobres.



EXORTAÇÃO APOSTÓLICA
DILEXISTI
DO PAPA LEÃO XIV
SOBRE O AMOR PELOS POBRES

Obras da Igreja em favor dos migrantes

Nessa Exortação Apostólica também é abordado o tema das migrações, lamentando que “infelizmente, à parte de alguma momentânea comoção, acontecimentos semelhantes estão a tornar-se cada vez mais irrelevantes, como notícias secundárias”. Também se recorda das obras da Igreja em favor dos migrantes, retomando os ‘quatro verbos’ do Papa Francisco: “Acolher, proteger, promover e integrar”. Os pobres são apresentados não apenas como objeto de nossa compaixão, mas como “mestres do Evangelho”.

O Pontífice recorda ainda as milhares de pessoas que morrem diariamente “por causas relacionadas com a desnutrição” e “as mulheres que padecem situações de exclusão, maus-tratos e violência, porque frequentemente têm menos possibilidades de defender os seus direitos” e faz uma reflexão aprofundada sobre as causas da pobreza. “Os pobres não existem por acaso ou por um cego e amargo destino. Muito menos a pobreza é uma escolha, para a maioria deles. No entanto, ainda há quem ouse afirmá-lo, demonstrando cegueira e crueldade”.

Praticar a esmola para tocar a carne sofredora dos pobres

Leão XIV lamenta que o exercício da caridade às vezes é “desprezado ou ridicularizado, como se fosse uma fixação somente de alguns e não o núcleo incandescente da missão eclesial”. Advertindo que a esmola é raramente praticada e frequentemente desprezada, o Santo Padre exorta aos cristãos

para que não renunciem este gesto, que pode ser feito de várias maneiras. “Precisamos praticar a esmola para tocar a carne sofredora dos pobres”, afirma.

Por fim, o Pontífice convida os católicos para que se deixem “evangelizar pelos pobres” e que não considerem os pobres como um simples problema social, mas como uma questão familiar. “A relação com eles não pode ser reduzida a uma atividade ou departamento da Igreja. Os pobres ocupam um lugar central na Igreja”, concluiu. (EPC)

Fonte: Gaudium Press

Leão XIV, em seu primeiro grande documento, diz que os pobres evangelizam os fiéis



O papa Leão XIV abençoa peregrinos na praça de São Pedro, no Vaticano, numa audiência para o Jubileu da Esperança em 4 de outubro de 2025. | Vatican Media

Por Hannah Brockhaus

No primeiro grande documento de seu pontificado, o papa Leão XIV diz que os pobres não são só objetos de caridade, mas evangelistas que podem levar os fiéis à conversão por meio de seu exemplo de fraqueza e confiança em Deus.

“Os pobres podem ser para nós como mestres silenciosos, reconduzindo o nosso orgulho e a nossa arrogância a uma conveniente humildade”, escreve Leão XIV em *Dilexi te* (Eu te amei), publicado hoje (9).

“O idoso, por exemplo, com a fragilidade do seu corpo, lembra-nos a nossa vulnerabilidade, ainda que a tentemos esconder por trás do bem-estar ou das aparências”, escreve o papa. “Além disso, os pobres fazem-nos refletir sobre a inconsistência daquele orgulho agressivo com que muitas vezes enfrentamos as dificuldades da vida. Em suma, eles revelam a nossa precariedade e o vazio de uma vida aparentemente protegida e segura”.

O papa cita seu antecessor, o papa Francisco, ao longo do documento, que foi redigido pela primeira vez no pontificado anterior e se baseia fortemente na primeira exortação apostólica do papa argentino, *Evangelii gaudium*, sobre a alegria do Evangelho. Uma exortação apostólica é um dos gêneros mais importantes do magistério papal, tipicamente focado na aplicação pastoral da doutrina.

Toda a vida de Cristo é um exemplo de pobreza, escreve o papa Leão XIV, e a Igreja, se quiser pertencer a Cristo, deve dar aos pobres um lugar privilegiado.

“Para os cristãos, os pobres não são uma categoria sociológica, mas a própria carne de Cristo”, escreve Leão XIV. “O Senhor se faz carne que tem fome e sede, que está doente e na prisão”.

Documento herdado do papa Francisco

O papa Leão XIV assinou a exortação em 4 de outubro, festa de São Francisco de Assis, tradicionalmente conhecido como *Il Poverello* (O Pobrezinho).

O papa diz no início do documento que o recebeu como herança do papa Francisco, que estava trabalhando nele nos últimos meses de sua vida.

O documento traça a doutrina da Igreja sobre os pobres, baseando-se no Antigo e Novo Testamento, na prática da comunidade cristã primitiva, nos escritos dos Padres e Doutores da Igreja, nas vidas dos santos, nos documentos do concílio Vaticano II e no magistério dos papas desde São João XXIII.

Leão XIV também elogia o exemplo de ordens religiosas contemplativas e ativas ao longo da história que ajudaram os pobres com saúde, alimentação, abrigo e educação.

“Toda a renovação eclesial sempre teve entre as suas prioridades esta atenção preferencial pelos pobres, que se diferencia, tanto nas motivações como no estilo, da atividade de qualquer outra organização humanitária”, escreve o papa.

O progresso tecnológico não erradicou a pobreza, que continua a se manifestar de várias maneiras, escreve Leão XIV. Ele define os pobres como os encarcerados, as vítimas de exploração sexual, os afetados pela degradação do meio ambiente e os migrantes.

“A Igreja, como mãe, caminha com os que caminham. Onde o mundo vê ameaça, ela vê filhos; onde se erguem muros, ela constrói pontes”, diz o papa. “Pois sabe que em cada migrante rejeitado, é o próprio Cristo que bate às portas da comunidade”.

Falta de cuidados materiais e espirituais

Leão XIV fala sobre preconceitos que, segundo ele, podem levar os cristãos a negligenciar seu dever para com os pobres.

“Há quem continue a dizer: o nosso dever é rezar e ensinar a verdadeira doutrina”, escreve ele. “Mas, desvinculando esse aspecto religioso da promoção integral, acrescentam que só o governo deveria cuidar deles, ou que seria melhor deixá-los na miséria e ensinar-lhes antes a trabalhar”.

“Assumem-se, às vezes, critérios pseudocientíficos para dizer que a liberdade do mercado levará naturalmente à solução do problema da pobreza”, ou que os ricos podem implementar soluções mais eficazes, escreve o papa.

Leão XIV diz que tais visões são mundanas e superficiais, “com critérios superficiais e desprovidos de qualquer luz sobrenatural”.

Dilexi te também enfatiza as necessidades espirituais dos pobres, dizendo que elas são mais importantes que as materiais, mas muitas vezes são ignoradas pela Igreja.

“Não estamos falando só da assistência e do necessário compromisso com a justiça”, escreve o papa Leão XIV, citando o papa Francisco. “Os fiéis devem responder também por uma outra forma de incoerência em relação aos pobres. Na verdade, a pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual”.

Leão XIV termina sua exortação enfatizando o dever da esmola, que ele diz ter caído em desuso, mesmo entre os fiéis.

“A esmola, mesmo que pequena, infunde *pietas* numa vida social em que todos se preocupam com o seu próprio interesse pessoal”, diz ele, dizendo também que, embora não seja a solução para a pobreza no mundo, tocará os corações dos fiéis.

“O amor e as convicções mais profundas devem ser alimentados, e isso faz-se com gestos”, diz também o papa Leão XIV. “Permanecer no mundo das ideias e das discussões, sem gestos pessoais, frequentes e sinceros, será a ruína dos nossos sonhos mais preciosos. Por essa simples razão, como cristãos, não renunciamos à esmola. Um gesto que pode ser feito de várias maneiras, e podemos tentar fazer de forma mais eficaz, mas que deve ser feito. E será sempre melhor fazer alguma coisa do que não fazer nada”.

Fonte: ACIDigital

Leão XIV elogia trabalho de instituição de caridade dos EUA para migrantes e refugiados

O papa Leão XIV acena do papamóvel em audiência na praça de São Pedro, no Vaticano, em 4 de outubro de 2025. | Vatican Media

Por Hannah Brockhaus

O papa Leão XIV enviou uma carta esta semana elogiando a Catholic Charities USA por ser “agente de esperança” para pessoas vulneráveis, especialmente migrantes e refugiados.

Como os migrantes e refugiados “não podem confiar em seus próprios recursos e precisam depender de Deus e da bondade dos outros, de muitas maneiras seu ministério torna a providência do Senhor concreta para eles”, escreveu o papa, falando na 115ª reunião anual da Catholic Charities USA Network, que acontece em San Juan, Porto Rico, de 6 a 9 de outubro.



“Ao fornecer comida, abrigo, assistência médica, assistência jurídica e muitos outros gestos de gentileza, as afiliadas da Catholic Charities nos EUA mostram o que o papa Francisco frequentemente chamou de estilo de proximidade, compaixão e ternura de Deus”, disse Leão XIV.

A Catholic Charities USA (CCUSA), fundada em 1910, é uma rede de 168 agências independentes da organização de ajuda humanitária em todo o território dos EUA.

Kerry Alys Robinson, presidente e diretora executiva da CCUSA, disse que a rede é "profundamente grata ao papa Leão XIV pela bênção apostólica que ele concedeu à rede Catholic Charities, e estamos inspirados e revigorados pela solidariedade e encorajamento que ele ofereceu em sua carta".

Em sua carta, o papa disse que, embora aqueles afetados pela pobreza e pela migração forçada enfrentem muitos desafios, “eles também podem ser testemunhas de esperança, não só por meio de sua confiança na assistência divina, mas também por sua resiliência, muitas vezes tendo que superar muitos obstáculos em suas jornadas”.

Ele destacou a influência positiva que muitos migrantes e refugiados católicos tiveram em diferentes países, como os EUA, por meio de sua fé vibrante e devoções populares.

“Pode-se dizer que, ao ajudar pessoas deslocadas a encontrar um novo lar em seu país, vocês também atuam como construtores de pontes entre nações, culturas e povos”, escreveu Leão XIV. “Eu os encorajo, então, a continuar ajudando as comunidades que acolhem esses irmãos e irmãs recém-chegados a serem testemunhas vivas de esperança, reconhecendo que eles têm uma dignidade humana intrínseca e são convidados a participar plenamente da vida comunitária”.

Fonte: ACIDigital

Conferência Episcopal Venezuelana pede libertação de presos políticos antes de canonizações

Por Andrés Henríquez

Numa carta pastoral por ocasião da canonização de José Gregorio Hernández e Madre Carmen Elena Rendiles, a Conferência Episcopal Venezuelana (CEV) pediu às autoridades estatais "medidas de clemência que permitam a libertação de presos por motivos políticos".

A carta, publicada na última terça-feira (7), fala sobre como esse evento histórico para a Venezuela envolve todas as esferas da sociedade. A CEV falou inicialmente sobre o longo processo que culminará na elevação dos primeiros santos da Venezuela aos altares em 19 de outubro.

Depois de apresentar uma breve biografia de José Gregorio e Madre Carmen, a conferência episcopal disse que ambos "brilham pelo esplendor de suas virtudes e por serem pessoas que passaram por este mundo testemunhando um grande amor a Jesus Cristo e sua Igreja, e um sério compromisso com as tarefas que foram chamadas a desempenhar".

Isso, disse a CEV, marca um caminho para todos os venezuelanos: o da santidade, "que é a vocação do cristão". A conferência episcopal exorta os fiéis a "fazer um esforço para compreender a vida e as virtudes desses compatriotas que a Igreja canoniza", porque neles "não encontraremos muitas coisas extraordinárias, mas simplesmente sua vida de fé enraizada no mundo".

Santidade que inspira a ação pastoral

No contexto da canonização e em meio às muitas necessidades atuais do povo venezuelano, a CEV pede "uma insistência para que Deus venha em nosso auxílio e nos ajude a responder com o apoio de todos os filhos e filhas desta terra".

A conferência episcopal diz que o que acontecerá em 19 de outubro é uma honra "para toda a nação" e que, nesse sentido, a canonização "não pode ser reduzida a gestos externos de júbilo", mas deve "promover uma profunda reflexão sobre o presente e o futuro do nosso país, à luz das virtudes vividas por esses santos".

Está cada vez mais difícil ver notícias católicas nas redes sociais. Inscreva-se hoje mesmo em nossos canais gratuitos:

"É um forte incentivo para que todos os venezuelanos se unam e se valorizem como filhos da mesma pátria e irmãos e irmãs; para defender a vida e a dignidade da pessoa humana desde a concepção até a morte natural; para aceitar nossas diferenças como uma fonte de riqueza; e para construir uma sociedade mais baseada no respeito mútuo, na coexistência e na busca constante da paz", escreve a CEV.

A conferência episcopal pede também que a ocasião — em homenagem ao "médico dos pobres" — seja aproveitada para aprimorar o sistema de saúde pública venezuelano. Do mesmo modo, falando sobre a vocação docente dos dois futuros santos, a CEV pede que "nossas crianças e jovens tenham garantida uma educação de qualidade e que os professores sejam remunerados de modo justo por seu trabalho".

Sobre as centenas de presos políticos na Venezuela, a conferência episcopal pede ao Estado que conceda perdões que lhes permitam recuperar a liberdade.

"Acreditamos que isso promoverá paz e harmonia não só para as famílias e entes queridos desses indivíduos, mas para a sociedade como um todo", disse também a CEV.

Por fim, a conferência episcopal diz que a Igreja exorta os venezuelanos a se entusiasmar com "a aventura da santidade", cujos frutos são "a paz, a harmonia, a construção da convivência humana, a misericórdia e a compaixão".

"A santidade também dá sentido ao sofrimento e à dor que muitas vezes nos acompanham ao longo da vida", diz a CEV.

Fonte: ACIDigital

Imagem luminosa de Nossa Senhora é acesa na primeira procissão do Círio de Nazaré



*Imagem luminosa de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém (PA) | Igor Baldez
Por Natalia Zimbrão*

A imagem luminosa de Nossa Senhora de Nazaré, instalada na avenida Visconde de Souza Franco (Doca), em Belém (PA), foi oficialmente acesa na noite de ontem (8). O acendimento aconteceu durante o traslado dos carros, a primeira procissão do Círio de Nazaré 2025, que reuniu cerca de 30 mil pessoas.

A imagem tem 32 metros de altura e é um dos símbolos da decoração da cidade de Belém, que conta com uma ornamentação especial para viver o Círio de Nazaré. A inauguração da iluminação foi vista por vários devotos e acompanhada por fogo de artifício.

O traslado dos carros foi a primeira procissão do Círio 2025, marcando o início das romarias que antecedem a grande procissão do segundo domingo de outubro, neste ano dia 12, quando milhões de fiéis seguem a berlinda com a imagem da Virgem de Nazaré pelas ruas de Belém.

A procissão de ontem saiu por volta das 20h de frente da basílica santuário de Nossa Senhora de Nazaré. À frente foi o carro berlinda, conduzindo a imagem peregrina de Nossa Senhora. Em seguida, acompanharam os outros 14 carros.

Os fiéis percorreram 5 km até o Porto Futuro, onde os carros permanecerão no estacionamento até domingo, dia da grande procissão.

O traslado dos carros foi instituído como romaria oficial em dezembro de 2019, por decisão conjunta da Diretoria da Festa de Nazaré e da arquidiocese de Belém, em reconhecimento à forte participação dos fiéis e à importância dos carros como símbolos da festividade.

Fonte: ACIDigital

Dilexi te: “Eu te amei”, é uma bússola. Os pobres na 1a. exortação apostólica de Leão XIV



Cibele Battistini - publicado em 09/10/25

Dilexi te representa para muitos uma esperança de que a Igreja católica, sob Leão XIV, não abandone os pobres, mas reafirme com clareza a preferência pelos que sofrem. O desafio será tornar essas palavras realidade no cotidiano: nas dioceses, nas paróquias, nas políticas, nos programas de caridade e serviço, nas decisões institucionais.

Em 4 de outubro de 2025, festa de São Francisco de Assis, Papa Leão XIV assinou sua primeira Exortação Apostólica, intitulada *Dilexi te* (“Eu te amei”). Trata-se de um documento magisterial centrado no amor pelos pobres, com destaque para justiça, compaixão e a necessidade de uma Igreja que viva não como instituição distante, mas como presença que caminha junto com os mais vulneráveis.

O título, *Dilexi te*, ecoa intencionalmente *Dilexit nos*, a encíclica de Papa Francisco, publicada em outubro de 2024, sobre o amor humano e divino do Coração de Jesus Cristo. Essa escolha já anuncia um traço de continuidade: a herança espiritual e pastoral deixada pelo pontífice anterior.

No comunicado oficial, nota-se que entre os temas abordados estarão as guerras e a emergência climática, vistas como grandes causadoras de pobreza e injustiça social; o apelo será para que os pobres sejam protagonistas na vida da Igreja, não apenas destinatários de ajuda.

Papa Leão e Papa Francisco: práticas, episódios e legado

Para entender melhor a exortação de Leão XIV — seu alcance e desafio — é útil olhar para como Papa Francisco viveu e pregou esse amor pelos pobres ao longo dos seus doze anos de pontificado (2013-2025), e como muitos dos gestos de Francisco parecem estar sendo retomados ou reconhecidos como parte de um caminho que agora Leão segue.

A seguir alguns episódios que ilustram esse estilo pontifício:

1| LAMPEDUSA, 2013

O primeiro deslocamento pastoral de Francisco fora de Roma foi para Lampedusa, ilha italiana símbolo dos dramas migratórios no Mediterrâneo. Lá, denunciou a “globalização da indiferença” diante das mortes de migrantes no mar.

2| LESBOS, 2016 (E EM 2021)

Visitas às ilhas gregas, com campos de refugiados, e o gesto simbólico de levar refugiados no avião papal para Roma. A compaixão concreta frente ao deslocamento, à dor daqueles que fogem de guerras e pobreza.

3 INSTITUIÇÃO DO DIA MUNDIAL DOS POBRES

Em 2016, por meio da carta apostólica *Misericordia et Misera*, Francisco instituiu o Dia Mundial dos Pobres, convocando toda a Igreja a solidarizar-se concretamente com os que mais sofrem.

4 CONFRONTO COM AS CAUSAS ESTRUTURAIS DA POBREZA

Francisco não se limitou a caridade individual, mas apontou as causas: guerras, desigualdades econômicas, crise climática, indiferença social. Ele exortava a “opção preferencial pelos pobres”, uma expressão teológica que se concretizava também em políticas, discursos, visitas e pronunciamentos

O que está em jogo

Com *Dilexi te*, Leão XIV retoma explicitamente essa tradição iniciada ou aprofundada por Francisco. Vejamos como ele enfatiza continuidade, e onde talvez já se vislumbre uma nota própria:

Continuidade: O tema central do amor aos pobres: Leão coloca os pobres no coração do primeiro documento de seu pontificado e utiliza símbolos e datas significativas. Além disso o documento foi assinado em 4 de outubro, festa de São Francisco de Assis, símbolo de pobreza, simplicidade, fraternidade

Espera-se que *Dilexi te* enfatize ainda mais a **protagonismo dos pobres**: não apenas serem objetos de assistência, mas sujeitos de direitos, de voz dentro da Igreja.

Também há indicação de maior reflexão ou urgência sobre as causas globais que agravam a pobreza: guerras, catástrofes climáticas, injustiças econômicas.

Pode haver uma intensificação da chamada à Igreja e à sociedade para não só mitigar sintomas, mas transformar estruturas. Esse será um traço que dependerá de como *Dilexi te* será levado à prática.

Narrativa: caminhar juntos no amor

Para ver esse momento de transição, imagine uma grande estrada trilhada por Papa Francisco durante doze anos, onde cada parada — Lampedusa, Lesbos, encontros com pobres, discursos, simples gestos de austeridade — deixou marcos luminosos que mostraram um caminho de retorno ao Evangelho “dos extremos”: com e pelos pobres.

Papa Leão XIV agora assume o leme dessa estrada. *Dilexi te* é sua bússola inicial: diz “eu te amei” não como um esquema retórico, mas como um compromisso. É lembrar que o amor divino precede toda ação, que cada pobre é amado e chama resposta. Mas também é convocar a ação: justiça, partilha, conversão, escuta.

Fonte: Aleteia

Os gritos da criação: Igreja rumo à COP 30



Fb - Bladimir Salazar Murillo

Paulo Teixeira - publicado em 09/10/25

A Igreja Católica não é uma observadora passiva na tragédia climática que assola a "Casa Comum". Sua presença no processo da COP 30, a ser realizada em Belém, no próximo mês, é a continuação de uma saga profética que atravessa décadas de sua Doutrina Social. Não se trata de política, mas de um imperativo moral enraizado na fé.

Desde a iluminação da Encíclica *Pacem in Terris* (1963) de São João XXIII e a *Populorum Progressio* (1967) de São Paulo VI, o magistério insiste: a justiça, a paz e o bem comum são

indissociáveis da proteção ambiental. Este compromisso ecoou e se intensificou nas conferências episcopais da América Latina, como Medellín (1968), Puebla (1979) e Aparecida (2007), que firmaram a defesa dos povos vulneráveis e da natureza como eixo central da missão evangelizadora.

"Escutar o grito da criação"

Somos convocados, como seguidores de Jesus, a ouvir os "gritos da Criação, que geme em dores de parto" (Rm 8, 22). Este lamento ressoa em sintonia com a reflexão da Campanha da Fraternidade 2025, que nos lembra: "Deus viu que tudo era muito bom" (Gn 1, 31).

A Ecologia Integral e a fraternidade precisam se perpetuar no cotidiano de nossas comunidades, guiando as ações na sociedade. Contudo, o cenário atual é de um equilíbrio rompido. O relato de Gênesis 2, 15-17 nos confia a responsabilidade de "cuidar e cultivar" o jardim. O que vemos, no entanto, é a exploração irresponsável movida pela ganância e pela busca interminável por lucro.

Em vez de "cultivar e guardar" o jardim que Deus nos confiou, muitas vezes as belezas de Deus são destruídas pela busca interminável por lucro, ganância, negligência e falta de compromisso com as futuras gerações.

Desmatamentos, poluição e eventos climáticos extremos – secas, enchentes, incêndios – são as consequências deste "pecado ecológico". A gravidade é que a Terra, que nos sustenta, está dando sinais de exaustão, e as mudanças climáticas afetam de forma mais devastadora aqueles que são os mais pobres e vulneráveis.

Peregrinos de esperança na COP 30

A realização da COP 30 no Brasil mais do que um evento político: é uma oportunidade formativa e de engajamento. Em resposta a este chamado, a Presidência da CNBB instituiu, em 2023, a Articulação Igreja Rumo à COP 30. Esta coalizão de pessoas e organizações busca fortalecer o grau de incidência da Igreja em vista da conversão ecológica e da transformação socioambiental.

O plano de ação está focado na mobilização dos Peregrinos da Esperança. A articulação tem convidado os Regionais da CNBB a realizarem eventos Pré-COP: encontros formativos com metodologia participativa, visando sensibilizar, formar e mobilizar agentes pastorais; esses encontros também visam garantir que as vozes e realidades de diferentes comunidades sejam levadas ao debate sobre justiça climática. Certamente essa iniciativa vai formar multiplicadores para replicar o conhecimento e ampliar o grau de incidência da Igreja no campo.

A Conferência das Partes (COP), o principal encontro global sobre o clima, que reúne os países signatários da UNFCCC (sigla em inglês para Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima), é o palco onde essas vozes precisam ressoar. A Igreja, ao se preparar de forma tão articulada, reafirma que a missão de "cultivar e guardar" é um ato de fé e um testemunho inegociável de esperança ativa para o futuro.

Fonte: Aleteia

-----.